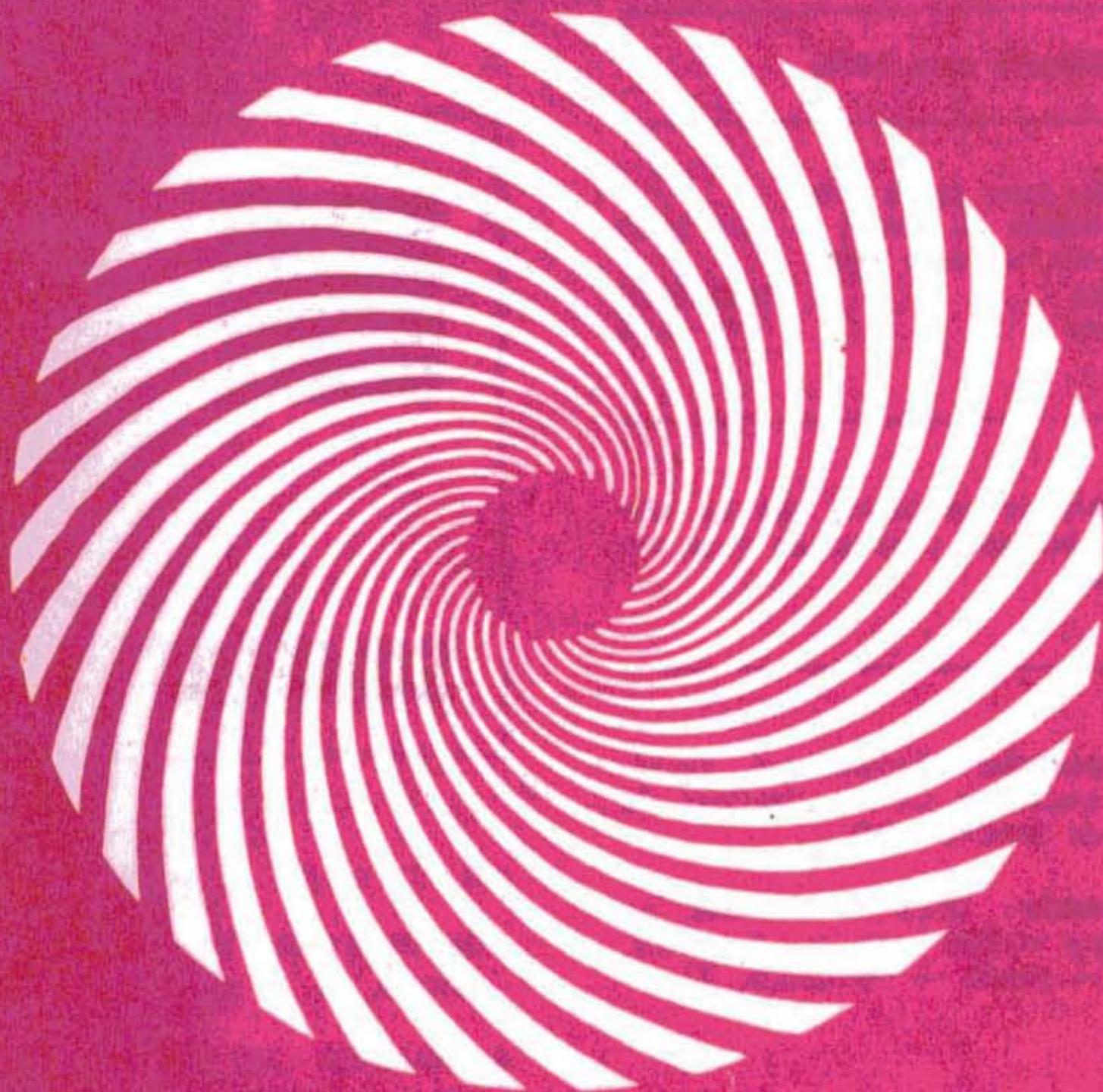


convergencia

SET — 1974 — ANO VII — Nº 73



- **CONFIRMAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**, página 1035
Pe. B. Beni dos Santos
- **A MULHER NO MUNDO DE HOJE,
ASPECTOS PSICOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS**, página 1040
Irmã Maria Emília Guerra Ferreira, CSA
- **VII E VIII ENCONTROS DE FORMADORES**, página 1079
Conclusões.
- **PARA O RETIRO MENSAL**, página 1092
Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1974:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) .	Cr\$ 50,00
Exterior, remessa marítima	US\$ 15,00
Avulso	Cr\$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	1033
CONFIRMAÇÃO E VIDA RELIGIOSA, Pe. B. Beni dos Santos	1035
A MULHER NO MUNDO DE HOJE, ASPECTOS PSICOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS, Irmã Maria Emília Guerra Ferreira, CSA	1040
SÉTIMO E OITAVO ENCONTROS DE FORMADORES, suas conclusões	1079
PARA O RETIRO MENSAL: O TEMPO COMUM, Frei Alberto Beckhauser, OFM	1092



EDITORIAL

Neste ano **CONVERGÊNCIA** vem focalizando dois temas centrais: vida religiosa e sacramentos, e promoção da mulher. Ambos com muito boa aceitação.

Quanto ao primeiro aspecto, parece-nos de particular importância, pois o nexo existem entre a vida religiosa e sacramentos se evidencia com facilidade.

O sacramento é o sinal visível que torna o homem discípulo do Cristo, que possibilita viver já nesta fase da existência aspectos da eternidade, de comunhão, com Deus e com os irmãos. Isto ocorre na vida do cristão.

Mais ainda vai ocorrer na vida do religioso que "já no entretempo de hoje da fé e da parusia da glória, optou por pertencer à sociedade celeste". Mais que qualquer outro, o religioso é alguém comprometido com os valores evangélicos, ou seja, com a Pessoa do Cristo.

Confirmação e vida religiosa

Neste número o teólogo **Pe. Beni dos Santos** focaliza a confirmação. Entre os sacramentos, certamente foi durante bom tempo, pouco compreendido e valorizado. Mesmo a teologia se ocupara muito mais dos outros: batismo, penitência, matrimônio,

Eucaristia. Administrado no início, junto com o batismo, foi posteriormente considerado quase um "apêndice" do batismo. A teologia, no entanto, deu-lhe um lugar de maior destaque, mormente a partir do Vaticano II.

"Pelo sacramento da confirmação são vinculados mais perfeitamente à Igreja, enriquecidos de especial força do Espírito Santo, e assim mais estreitamente obrigados à fé que, como verdadeiras testemunhas de Cristo, devem difundir e defender tanto por palavras como obras," (L G, n.º 11). Hoje, seja o teólogo, seja o pastoralista, sabemos que pela confirmação recebemos o "Espírito pentecostal que nos dá o sentido da criação, da história e de nossa ação no mundo." Este dom "pentecostal consagra o cristão como discípulo. Podemos lembrar aqui um dos aspectos fundamentais da vida religiosa, que é a consagração, significando reserva e missão. É próprio do discípulo ser enviado. E ele vai com uma mensagem de vida, de comunhão, perdão e amor.

Quem lhe dá a sabedoria, é o Espírito do Senhor.

A mulher no mundo de hoje

O leitor encontrará um longo artigo da **Irmã Maria Emília Guerra Ferreira** sobre aspectos psicológicos e antropológicos

da mulher no mundo de hoje. É uma psicóloga que analisa o comportamento da sociedade, ao longo da história, face à mulher, e a atitude desta frente a sociedade. O trabalho, uma das contribuições para o Seminário sobre a promoção da mulher, em maio de 1974, tem o grande mérito de traçar uma visão panorâmica sobre a matéria e apontar os grandes problemas subjacentes. No final a autora propõe uma síntese, deixando aos leitores outras possíveis interpretações. Sem dúvida é um estudo que merece leitura atenta e reflexão.

Encontro de formadores

O Tempo Comum

Frei Alberto Beckhaeuser em sua meditação mensal traz-nos valiosos elementos sobre o tempo litúrgico comum, enriquecendo a oração cotidiana. Chamamos ainda a atenção para as **conclusões dos encontros de formadores**, sétimo e oitavo, pistas úteis para quem se ocupa com jovens religiosos.

Deixamos com nossos leitores a tarefa de ler estas páginas. Escreva-nos dando sua apreciação sobre a revista ou algum dos trabalhos. O resultado de um diálogo sempre será mais rico.

Frei Constâncio Nogara, OFM

CONFIRMAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

B. BENI DOS SANTOS

A Confirmação parece ser o “primo pobre” dos sacramentos. Poucos se recordam dela durante a existência. Outros tem desse sacramento apenas uma vaga idéia. Mesmo a teologia sente certa dificuldade em determinar especificamente o seu sentido. A meu ver, a dificuldade nasce do fato de se separar a Confirmação do Batismo, esquecendo-se assim que ambos formam uma realidade total.

1. CRISTÃO, homem de Páscoa e Pentecostes

Em toda a literatura patrística, Batismo, Confirmação e Eucaristia formam uma unidade. Para disto se ter idéia, basta ler os sermões pas-

cais de Cirilo de Jerusalém, Ambrósio, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e Agostinho. Os três sacramentos constituem momentos progressivos de um itinerário: o pleno inserimento no corpo de Cristo. A plena incorporação em Cristo é ação dos três sacramentos da iniciação considerados como totalidade. A Eucaristia é o alimento apropriado à nova situação existencial daquele que renasceu “pela água e pelo Espírito” (Jo 3, 5). A Confirmação, por sua vez, de tal modo forma uma unidade com o Batismo, que a ela não se referem os escritos neo-testamentários. O próprio vocábulo apareceu bem tarde na teologia. E até hoje ainda se mantém unida ao Batismo na Igreja Oriental.

A Confirmação é, pois, o segundo momento da liturgia batismal, destinado a conferir o **dom pentecostal** do Espírito Santo. Assim como Cristo, apenas saído das águas batismais do Jordão, foi ungido pelo Espírito, também o cristão, apenas batizado, é confirmado pelo dom pentecostal do mesmo Espírito. É nesse sentido que os Atos denominam “batismo” o dom pentecostal do Espírito:

“E, enquanto estava com eles à mesa, ordenou-lhes de não se afastarem de Jerusalém, mas de esperarem a realização da promessa do Pai, que ouvistes, disse, da minha boca; porque João batizou com água, mas vós sereis batizados no **Espírito**, daqui a não muitos dias” (At 1, 4-4).

Orígenes chega ao ponto de falar de **batismo na água e no crisma** (Cf. In Rom. Comm. V 8, P.G. 14, 1038).

A unidade demonstra, pois, que o Batismo cristão é, ao mesmo tempo, batismo na água e no Espírito Santo, participação de Páscoa e Pentecostes. Demonstra que o Batismo não somente coloca ponto final no presente século (Páscoa), mas situa a criatura humana no século futuro (Pentecostes). Demonstra a situação paradoxal da Igreja em que coincidem o mundo que passa e o mundo que vem: o **já** e o **ainda não**. Demonstra ainda que a obra de Cristo e a do Espírito Santo são **inseparáveis**.

A união de Cristo e do Espírito no seio de uma mesma economia é de tal modo profunda que as expressões “em Cristo” e “no Espírito” são, às vezes, equivalentes em S. Paulo (Cf. Ef 3, 21). Ele chega ao ponto de afirmar “o Senhor é o Espírito” (2 Cor 3, 17). Com essa expressão, “Paulo está interessado em determinar o **modo de existência** do Senhor Ressuscitado. Como vive agora o Cristo Ressuscitado? Para Paulo é claro: o Ressuscitado vive agora na forma de Espírito. A ressurreição fez dele, de terreno e carnal, espírito vivificante” (L. BOFF, **A Igreja Sacramento do Espírito Santo**, em *O Espírito Santo* (vários autores), Vozes, Petrópolis, 1973, p. 116).

É entre os eventos crísticos — glorificação do Senhor e sua plena manifestação no final dos tempos (Jo 20, 22; At 2, 1 e seguintes) — que o Espírito Santo desenvolve a sua obra. Ele é o dom que Cristo concedeu à Igreja para, sem cessar, operar nela a sua vida, na perspectiva de uma escatologia iniciada em Pentecostes. Nesse dia, o Espírito

não criou propriamente a Igreja; antes, deu-lhe movimento.

Ele interioriza o mistério de Cristo. Revela o pleno sentido do que Ele fez e ensinou, uma vez que é “Espírito de Verdade”, isto é, o dom necessário para a compreensão da Verdade: a revelação de Deus em seu Filho Jesus Cristo. Mais ainda: é Ele, enquanto **Paráclito**, que dá a capacidade de anunciar a revelação do Filho ao mundo.

É ainda o Espírito que transforma determinadas realidades humanas em sacramentos. Como observou Ambrósio a respeito do Batismo, “a água não purifica sem o Espírito” (**Os Mistérios**, n. 4, 19).

Pentecostes é, portanto, a coroação prevista do mistério de Cristo. É a plena manifestação do mistério da salvação.

2. O Novo Tempo dentro do Tempo

A manifestação pentecostal do Espírito Santo marca o início, no presente mundo, da era escatológica: um novo tempo dentro do tempo, na expressão de Leonardo Boff (Cf. op. cit. p. 150). Pentecostes é assim mais do que simples promessa. Graças à ação do Espírito, já recebemos sacramentalmente algo da salvação, da redenção, da vida e glória próprias do século futuro. O ideal do gênero humano — a fraternidade universal para além das fronteiras de raças e línguas — começa a ser alcançado (Cf. At 2).

Portanto, é o Espírito pentecostal que nos dá o **sentido da criação, da história e de nossa ação no mun-**

do. Presente na evolução do mundo (Cf. *Gaudium et Spes*, n. 26), faz-nos descobrir em todas as coisas os traços do divino (Cf. *At* 20, 27).

O dom pentecostal consagra o cristão como **discípulo**. Ele é o **Paráclito** (Jo 14, 16-26), isto é, aquele que assiste os apóstolos na sua missão de testemunhas do evangelho. Não é sem razão que a liturgia oriental da Confirmação se conclui com a leitura das palavras do mandato missionário de Cristo: "Ide a todos os povos e fazei que todos sejam meus discípulos" (*Mt* 28, 19). É, através de todo o seu ser, que o cristão torna-se missionário, assumindo a responsabilidade pela construção do mundo. Para isso, o Espírito vem em ajuda de nossa fraqueza (*Rom* 8, 26).

O dom pentecostal do Espírito Santo significa ainda que a busca da verdade e sua pregação, asseguradas especialmente à Hierarquia, não é por ela monopolizada. "A coletividade dos fiéis, observa a *Lumen Gentium*, possuindo a unção que procede do Espírito (Cf. *1 Jo* 2, 20 e 27) não pode enganar-se na fé; esse dom particular que possui, ela o manifesta através do sentido sobrenatural da fé (**sensus fidei**), que é aquele de todo o povo" (*L. G.* 12).

Foi essa convicção que levou alguns Padres da Igreja (Justino, Clemente de Alexandria) a afirmar que os pagãos já eram cristãos sem o saber. Que a Filosofia (busca da verdade) desempenhou entre os gregos o mesmo papel do Antigo Testamento entre os judeus: prepará-los para Cristo. Na mesma linha de pensamento, observa Ambrósio:

"A verdade, independentemente de quem a pronuncia, procede do Espírito Santo".

3. A Vida Religiosa a partir do Horizonte Pentecostal

A vida religiosa, como vivência mais plena da consagração batismal (Cf. *Perfectae Caritatis*, n. 5), a ser traduzida em serviço para o bem comum (Cf. *Lumen Gentium*, 44), deve, a meu ver, ser definida a partir do horizonte pentecostal. Pois, como observou o Vaticano II, é a Confirmação — enquanto coroamento do Batismo — que vincula mais perfeitamente à Igreja (*Lumen Gentium*, 29), que compromete mais com a difusão da fé (Cf. *ibidem*), com o apostolado e a missão salvífica da Igreja (Cf. *ibidem*, 83). É portanto a Confirmação — segundo momento do batismo — que indica a plenitude do seu sentido e do compromisso cristão. A Confirmação é o batismo na sua **dinamicidade**.

Determinemos mais especificamente o significado da vida religiosa a partir do horizonte pentecostal. Em primeiro lugar, a visão escatológica de Pentecostes se impõe principalmente aos que se engajam na vida religiosa, uma vez que o religioso "já no entretanto do hoje da fé e da parusia da glória, optou por pertencer à sociedade celeste: *Flp* 3, 20" (*L. Boff, O Destino do Homem e do Mundo*, 2.^a ed., Vozes, Petrópolis, 1973, p. 162). Isso leva o religioso a considerar os acontecimentos não como fatos vazios, uma vez que, com Pentecostes, como vimos, os tempos novos já se iniciaram.

A História, portanto, está grávida do Espírito de Cristo. É Ele que constitui a realidade última e profunda de todos os eventos. Assim. "o religioso é convocado a viver com mais profundidade que o simples cristão essa cristianização da realidade" (L. Boff, op. cit., p. 154). O religioso tem como exigência de sua modalidade de vida eclesial detectar, de certo modo, o Espírito presente em todos e em tudo.

Em segundo lugar, a escatologia cristã não pode constituir-se em uma espiritualidade de fuga do mundo, em uma alienação da pessoa. A escatologia pentecostal é **já e ainda não**. Já foi iniciada, mas ainda não atingiu a sua plenitude. De modo que a perspectiva escatológica, que o religioso se compromete a viver de modo marcante, deve traduzir-se no serviço aos irmãos, no esforço por construir a cidade dos homens. A sua esperança não consiste em vagar ao longe, uma vez que o **já** e o **ainda não** é o seu fundamento ontológico: perspectiva e tendência para a frente e, por isso mesmo, renovação e transformação do presente.

"Os cristãos que seguem a missão de Cristo, observa Moltmann, seguem igualmente a Cristo no serviço do mundo. A Igreja tem a natureza do corpo de Cristo crucificado e ressuscitado somente quando é obediente no mundo, pelo serviço concreto da missão. A sua existência depende inteiramente do cumprimento de seu serviço. Por isso ela nada é para si mesma, mas é tudo o que é pela existência para os outros. Ela é comunidade de Deus quando é comunidade para o

mundo. O reino futuro do Cristo ressuscitado não só deve ser esperado e aguardado. Esta esperança e expectativa devem modelar igualmente a vida histórica da sociedade. Por isso, missão significa não somente propagação da fé e da esperança, mas também transformação histórica da vida" (Moltmann, **Teologia da Esperança** (trad.), Herder, S. Paulo, 1971, pp. 392 e 395).

Pentecostes significa, em terceiro lugar, que o **juízo de Deus** já foi lançado sobre o mundo. O religioso vai traduzir existencialmente tal juízo, procurando relativizar todas as coisas e referi-las ao absoluto de Deus. Vai revelar o juízo de Deus por meio da **contestação**.

Existem atualmente grupos de jovens denominados por Roszak a contracultura (Cf. Roszak, **A Contracultura**, Vozes, Petrópolis, 1971), que se organizando em comunidades espontâneas e se voltando para o misticismo oriental, contestam os valores da sociedade materialista de consumo: o controle da vida do homem pela máquina, que padroniza sentimentos, atitudes, sexualidade, lazeres; o consumo como solução para os problemas humanos.

Nesse sentido, a vida religiosa presta também uma contribuição ao equilíbrio do mundo atual. Ela contesta. Diz "não" à idolatria da ação, da máquina, do poder, do prazer, do consumo. Empurra o mundo ao encontro de valores que não se traduzem em termos de eficiência e êxitos econômicos. Leva o homem atual, perdido na roda-viva da concorrência, do lucro, da expansão

industrial, a criticar tudo sob o critério do Absoluto, a relativizar, a referir tudo ao infinito de Deus.

Por meio da contestação, o religioso realiza o sentido radical e cristão da liberdade: torna-se livre das coações, permanecendo, ao mesmo tempo, um engajado. Trata-se de uma exigência pentecostal. Paulo, de fato, liga a presença do Espírito ao dom da liberdade (Cf. Gál 5, 18-23). De fato, no dia de Pentecostes, os apóstolos se revelam como pessoas realmente livres. Antes de tudo, livres deles mesmos: do medo, da covardia, da dúvida, do egoísmo. Mostram assim, que a verdadeira liberdade é um carisma do Espírito, um dom para a utilidade comum (Cf. 1 Cor 12; Rom 12; Ef 4).

Em outras palavras, a liberdade não é autonomia para si, mas disponibilidade para o outro. É amor e serviço. Só é realmente livre quem chegou ao ponto de libertar-se do medo, do egoísmo, dos desejos e política de promoção, a fim de realizar "o que perde ganha" do Evangelho (Mt 10, 39).

Finalmente, uma última observação com relação à vida religiosa considerada na perspectiva pentecostal. O Espírito que age na liturgia da comunidade cristã, age também na liturgia da vida leiga e

religiosa, transformando-a em exercício do sacerdócio real, em oferta espiritual.

Essa dimensão litúrgica da vida religiosa, merece ser sublinhada com relação à **vida contemplativa**. "Em toda a parte, observa Congar, onde o evento do Espírito Santo deve ser produzido, sua vinda deve ser implorada. Todas as operações, por meio das quais o ministério da Igreja atualiza o elo que o Senhor contraiu com ela, ou a promessa que Ele lhe fez em nome de sua aliança, exigem que a vinda do Espírito Santo seja implorada. Sob uma ou outra forma, uma epiclese é necessária para que o Espírito celebre com a Igreja e conceda às suas operações o selo de acontecimento divino" (Eph. Teol. Lovan, n. 3, 1967, p. 397).

Ora, a modalidade de vida religiosa do contemplativo, que sublinha com força a dimensão orante de toda a Igreja, que a pontencializa, constitui a meu ver, a epiclese desse aspecto de que fala Congar, necessária para que o Espírito pentecostal seja sempre atuante na Igreja e na história da humanidade. Carisma do Espírito, a vida religiosa contemplativa é, de certo modo, dentro da Igreja, uma réplica do Cenáculo. Deve ser vista, pois, como epiclese: dimensão específica da liturgia perene da Igreja.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS

MARIA EMÍLIA GUERRA FERREIRA, CSA

INTRODUÇÃO

1 — Colocação do tema

O presente trabalho tenta fornecer elementos para um estudo do "Papel da mulher no mundo de hoje" nos seus aspectos antropológicos e psicológicos. Dada a amplitude do tema e mais ainda as inúmeras referências encontráveis numa vasta literatura, desde os **livros de ciência** às revistas "comerciais", folhetos populares, literatura de cordel, poemas e canções, sem esquecer todo tipo de propaganda gráfica que cobre as paredes de nos-

sas cidades, optamos por um caminho dentre muitos outros. O assunto, portanto, está tratado sob **um prisma**, havendo outros possíveis.

Diante de tantos assuntos a estudar e tanta coisa a se fazer no mundo de hoje, é compreensível que poucos tenham tempo e oportunidade para uma pesquisa bibliográfica maior e uma reflexão mais exaustiva do problema da mulher; por outro lado, tendo-nos cabido desenvolver este tema, aproveitamos a ocasião para colaborar com todos

oferecendo mais detalhadamente, os elementos que nos fornecem a "Gestalt" atual do assunto. O aspecto antropológico e psicológico estão abordados dentro de uma visão global. Não nos preocupamos em **enumerar** diferenças entre homem e mulher, quer notadas em civilizações primitivas, quer pelos mais recentes estudos, nem fazer um catálogo de **qualidades e características** femininas.

Pensamos que uma **análise** de textos nos fornece elementos mais objetivamente **situados** do que uma simples enumeração de aspectos. Além do mais, todos estamos por demais "sabidos" das características diferentes dos dois sexos, fornecidos pela literatura séria como pelos testes de "cláudia" e outros almanaques de consumo, embora estudos comprovem que estas diferenças são predominantemente culturais. Não nos importa **estudar a mulher**, mas sim, ver, através da história e das religiões, como ela se situa ou como a situam. Talvez seja esta uma maneira mais dinâmica de abordar o problema.

É necessário compreender — pelo menos esta é a nossa crença — que importa ter os "pés no chão", preocupar-se com as tarefas coletivas em lugar de se preocupar e se submergir nos problemas familiares ou na luta pela **igualdade** com

os homens, num empenho de fazer as mesmas coisas que eles fazem. Isto seria substituir uma dominação por uma competição e, portanto, uma dominação por outra. Por outro lado, a verdadeira revolução que se processa atualmente na condição feminina não está na conquista de maior liberdade sexual, melhores possibilidades profissionais e/ou culturais, mas no fato de que estas conquistas colocam a mulher diante de sua dimensão integral de pessoa, participante e responsável com o homem na edificação do mundo em que vive, e não apenas do seu mundo familiar.

2 — Metodologia

O trabalho é composto, quase que na sua totalidade, de textos extraídos de livros e artigos diversos. Eles todos estão dispostos segundo a ordem que a ideologia do trabalho requer. A nossa tarefa é analisar e refletir, tentando aprofundar tais idéias no capítulo dos **Grandes Problemas** (IV). As primeiras partes (I-III) nos dão o "substratum" de localização e compreensão global dos mesmos. Durante o encontro, nos pequenos grupos, será aprofundado o estudo da IV parte. A parte final (V) é uma análise que servirá de complemento às análises feitas nos grupos.

I. LUGAR DA MULHER ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A. POVOS E CIVILIZAÇÕES

1. Antiguidade

“Apesar de versões dos etnógrafos serem por vezes discordantes, predomina a teoria de que antes do advento da agricultura a situação da mulher era menos subalterna do que nas eras subseqüentes. Ela carregava os fardos. Era bastante robusta para seguir a vida nômade das hordas primitivas; tomava parte em guerras sangrentas.

Não obstante, fixados no solo, não tendo propriedades, os homens primitivos também não se interessavam em fazer da mulher uma propriedade sua. Talvez por ver a maior fragilidade muscular da mulher, sua desvantagem física causada pelas gestações contínuas e pela amamentação, sentissem que poderiam subordiná-la, mas a subordinação não era projetada e muito menos instituída.

Nenhuma lei estabelecia a dependência da mulher, mesmo porque não havia lei. A própria religião não se dirigia a Deus (em princípio masculino), mas ao totem, nem macho, nem fêmea.

Ao passar para o estágio de agricultor, o homem principia a esboçar seu direito. Começa a preocupar-se com os filhos e, em consequência, a valorizar quem dá à luz e nutre a criança. O papel da mulher avulta, a maternidade torna-se uma função respeitada. O casamento não a escraviza, porque continua unida ao seu clã. Nas tribos

que viviam sob o sistema comunitário e assim exploravam os frutos da terra, os filhos pertenciam ao clã da mãe; usavam-lhe o nome e participavam do resultado das colheitas do clã materno. A propriedade comunitária transmitia-se pelas mulheres.

Os homens que, como nômades, não se importavam com seus descendentes, como agricultores cultuavam a mulher que gerava os filhos e perpetuavam os clãs. Atribuíam-lhe dons mágicos. Acreditavam que, se a mulher se ocupava da terra, a terra se tornava fecunda. Em algumas tribos polinésias que não evoluíram, por exemplo, essas crenças ainda predominavam. (As mulheres são levadas a passar a noite nos campos na época da germinação para provocar o aumento das colheitas). A mulher foi confundida com uma força mística. Fazia florescer a terra, florescia em filhos, guardava a grandeza do clã” (1).

“A mulher foi enviada por Zeus, o deus supremo. Foi, sem dúvida, desta velha lenda que veio o mito segundo o qual Atena teria nascido da cabeça de Zeus que Hefáistos ou outro deus qualquer teria fendido com um golpe de machado.

O mundo antigo sente assim que a mulher tem uma origem divina, sem ignorar também que foi ela que abriu a “caixa de Pandora” fazendo cair sobre os homens a desgraça, a doença e a morte” (2).

“Foi no início da era do bronze que a mulher entrou em rápido processo de desvalorização. Inventando a ferramenta, o homem não só se fortaleceu extraordinariamente do ponto de vista material, forjando novas armas, dominando melhor a terra, impondo-se aos inimigos, como se fortaleceu como ser dotado de razão.

Percebeu que podia submeter o mundo. Já não atribuía tudo aos deuses dos quais a mulher era a misteriosa intermediária. Passou a confiar na técnica rudimentar com que fabricava os utensílios, na mente racional com que os elaborava. Rearmado com os instrumentos que fabricava, venceu os outros homens mais fracos e escravizou-os. Os escravos vieram a substituir os trabalhos das mulheres na agricultura. Ela deixava assim, aos poucos, de ser a parceira do homem. Seu labor já não se fazia necessário. Ela perdia o valor.

Foi então que se instituiu a propriedade privada do solo, e o homem fortalecido por suas primeiras invenções, por seu trabalho criador, pela escravização dos outros homens, exige ser proprietário também da mulher. Acaba-se a filiação uterina. A mulher já não pertence ao seu clã, incorpora-se ao clã do marido. O homem torna-se dono da terra, das colheitas e da mulher. Reivindica também os filhos. A mulher degrada-se de sua posição, deixa de ser alguém, pertence a outrem” (3).

“Na **Grécia**, durante a era patriarcal, a situação da mulher era de amarga servidão. Não havia po-

ligamia oficializada. Mas os costumes consagravam o que não estava estabelecido nas leis. As “palakinas” prosperavam por toda Grécia, substituindo a esposa legítima no leito do senhor. As hetairas, mais inteligentes e mais instruídas, atraíam homens para o seu ambiente. Quedavam as esposas no gineceu, governadas ora pelo marido, ora pelo tutor e, na falta destes, por funcionários do Estado. O marido podia tranquilamente repudiar a mulher. Podia, uma vez farto dela, entregá-la a outro marido.

Em **Esparta** a situação era diferente, estimavam-na sobretudo como mãe e a submetiam a uma educação “espartana”, isto é, excessivamente viril”.

“Em **Roma**, as mulheres eram ainda mais escravizadas do que na Grécia. Passavam a vida em estado de menoridade. Viviam tuteladas do berço à sepultura. O primeiro tutor era o pai; por morte, ou ausência deste, os agnatos paternos. Apesar da dureza das leis e das três formas de casamento (a “confarreatio”, a “coemptio” e o “usus”), todas três opressivas para a mulher, os costumes de Roma davam-lhe mais dignidade do que às gregas. Mantinha-se no átrio da casa e não no gineceu. Orientava a educação dos filhos. Assistia a festas e banquetes. Recebia o tratamento de Domina”.

“Sendo certo que as leis acabam sendo forjadas pelos costumes, a situação da mulher começou a mudar com a decadência do poder patriarcal e o fortalecimento do poder do Estado”.

“De 178 em diante a mulher consegue livrar-se dos agnatos e ter os próprios filhos por herdeiros”.

“Mas no momento mesmo em que faz estas conquistas, o Estado barra-lhe o passo. Foi aprovada a lei de *senatus-consultus* que tirava da mulher toda capacidade civil. Tomou-se uma série de medidas para cerceá-la em qualquer espécie de poder político. Assim a mulher libertando-se como esposa, mãe, filha, irmã, mas não como cidadã, não podia empregar a sua liberdade em proveito da sociedade, não podia agir; desorientou-se e entrou a dissolver a moral. São famosos os tumultos, as devassidões, os escândalos a que se entregaram as romanas dessa época. Sua falsa emancipação, que não é emancipação econômica ou política (continuam proibidas de partilhar da vida pública), leva-as ao jogo, à gluttoneria, ao luxo, aos adultérios. Matronas chegaram a inscrever-se entre prostitutas oficiais de Roma. Na sociedade romana da antiga República, os homens continuam sendo os detentores da força e do poder e as mulheres só conseguem igualar-se a eles nos vícios”.

“Entre os **Egípcios** e os **Germanos** na antiguidade, a mulher é tratada com maior consideração. No **Egito**, ao que parece, a mulher ocupou em todas as épocas uma situação honrosa e razoavelmente independente. A poligamia, embora fosse proibida, não era muito vulgar. O harém era privilégio dos reis. Em geral a mulher casada era reconhecida como dona de casa. Os filhos eram considerados bênção de Deus. O casamento estéril era tido como desgraça: quem asseguraria, mais tarde, o

culto dos mortos? Entre os **Germanos** a mulher ocupava lugar de relevo na sociedade. Era considerada portadora de forças sagradas, invioláveis e intangíveis. A virgindade era tida em grande apreço. O adultério era pouco vulgar, segundo o testemunho de Tácito” (4).

“Através das eras, diz Margaret Mead, o padrão central da família e a divisão do trabalho entre os sexos persistiu. Os homens ausentavam-se do lar para arranjar comida, para proteger e conquistar, explorar e organizar. As mulheres ficavam perto da casa: cuidavam das crianças e preparavam os alimentos. Muita coisa foi adicionada, outras tarefas foram acrescentadas aos cuidados dos bebês e as crianças pequenas, proteção dos jovens que atravessavam a adolescência, tratamento dos enfermos, amparo dos velhos. Encontrou-se um lugar para a sabedoria e a generosidade mais experimentada das mulheres que já passaram pelo período da educação dos filhos e estavam livres para cuidar não só dos seus, mas demonstrando maior preocupação por todas as crianças da comunidade. Exemplos: Rituais complicados cercavam a morte: eram as mulheres que esticavam as pernas dos mortos e lhes lavavam os corpos para os enterrar. Assistiam a parturiente, lavavam o recém-nascido, embrulhavam-no em peles ou em faixas e colocavam-no em seu primeiro leito. Onde florescessem atitudes sociais ou religiosas, uma preocupação pelo bem-estar do pobre, órfão, enfermo, eram as mulheres que arcavam com essas responsabilidades acrescidas. Se

viúvas ou membros de ordens religiosas, elas continuavam exercendo essas atividades ampliadas que, outrora, eram confiadas ao lar”.

“A respeito do casamento, um escritor do século XIX certa vez observou sabiamente que, “em todas as raças primitivas, a mulher era o primeiro animal doméstico do homem”. Era uma criatura extremamente útil, ótima para carregar água, acender fogo, preparar comida, confeccionar roupas, misturar infusões e cataplasmas de ervas, educar as crianças e à noite, exausta, dar conforto ao seu companheiro e aliviá-lo das suas tensões naturais” (5).

2. Idade Média

Na Idade Média a mulher pertence de modo absoluto ao pai e ao marido. Na época dos merovíngios e carolíngios, com a predominância da depravação dos costumes, a mulher sofre terrivelmente. Casam-na à sua revelia. O marido pode repudiá-la a seu talante. O marido dispõe de sua vida e pode decidir da sua morte.

Só com o fortalecimento do Estado, a situação da família muda, tal como já acontecera antes com as romanas. O poder público retira a tutela das mulheres do âmbito patriarcal, durante Carlos Magno. Na Idade Média, durante toda a formação do feudalismo, a situação da mulher oscila, conforme oscila a predominância entre os direitos públicos e privados. Ora ela se vê depreciada, ora elevada.

No século XI, a mulher adquire o direito de herdar, mas isto só lhe

agrava a dura sorte. Não tendo direitos políticos, tem que aceitar o marido como tutor. Ele recebe o título, a investidura, o uso-fruto dos bens. A mulher é incorporada ao feudo, como o castelo, os cavalos e as armas. Não passava de “uma das propriedades” do suserano, e não das mais valiosas.

Em torno dela e da sua herança, faziam-se negócios vantajosos. Mal chegava aos doze anos, o pai casava-a. O marido repudiava-a com frequência para, casando-se de novo, se tornar o dono de novos castelos, de mais terras. Viúva, o suserano escolhia-lhe um novo senhor. E este, tanto quanto o anterior, dispunha dela e dos filhos, isolava-a, “castigava-a, razoavelmente”, como dizem os documentos da época, o que quer significar — batia-lhe. Uma apóstrofe famosa da época, atribuída a Montauban, diz às mulheres: Silêncio.

No século XII, quando trovadores decidiram que a mulher era uma deusa na terra, surge o amor cortês no sul-mediterrâneo, o que vem amenizar a sorte da mulher. Sua origem é controvertida. Talvez se originasse do culto da Virgem Maria que nessa altura é ampliado e enaltecido. As mulheres dessa época, enclausuradas nos castelos, aproveitam o ócio para cercar-se de poetas, de letrados, de trovadores. Surgem mulheres que se tornam famosas pela sua cultura, pelo brilho de sua conversação. Blanche de Navarre protege os poetas. O mesmo fazem Aliénor d’Aquitaine e Marie de France.

A literatura dessa época divulga o amor como platônico, mas a

maioria dos historiadores não aceita tal interpretação. Dante elogia Beatriz, sem ao menos ter conversado com ela. Nunca mais a mulher seria apenas um animal doméstico. Sendo o marido imposto e conduzindo-se sempre como um tirano, a mulher só conhecia o amor fora da instituição do casamento. A cortesia adoçara a situação da mulher nas duras condições de feudalismo, mas essa situação só muda concretamente quando o poder real se impõe aos feudatários. A medida que diminui o poder dos senhores feudais, também vão escasseando os seus direitos sobre as mulheres. O homem reage diante dessa independência incipiente e tem um meio de impor à mulher novas amarras: o casamento. O poder marital consegue sobreviver à derrocada do regime feudal. O marido prossegue tutor da esposa e vemos com espanto, que a mulher mais útil à sociedade — a mulher casada — é justamente aquela que a sociedade mais cerceia, limita e oprime.

A burguesia nascente conserva a mesma mentalidade. Só há alguma independência para a mulher fora das algemas do casamento. Solteira ou viúva, a mulher tem o mesmo direito que o homem, mas assim que se casa cai sob a tutela do marido. Ele dispõe dela e da sua fortuna. Quanto mais rico era o marido, maior era a submissão exigida da mulher para que nenhum gesto seu prejudicasse a gestão e o crescimento das propriedades.

Nessa época só encontramos alguma dignidade da mulher casada entre os pobres. O servo, não sendo proprietário, não tinha motivo

para querer apropriar-se da esposa. Mesmo liberto, continua paupérrimo e transformado em artesão ou pequeno comerciante não tem razões para fazer da esposa uma oprimida; antes precisa do trabalho dela para ajudá-lo a sobreviver. Estabelece-se um companheirismo baseado na necessidade de lutarem juntos. Quando um artífice espanca a mulher que ao seu lado ajuda a trabalhar o couro, é certo que ela lhe devolve as pancadas. Uma reciprocidade estabelece-se entre o casal que nada tem a não ser o seu labor. O trabalho material faz com que a mulher plebéia levante a cabeça diante do seu marido.

3. Idade Moderna

É no século XVI que se codificam as leis. Serão favoráveis às mulheres? De nenhuma maneira. São influenciadas pelo direito romano, adversário das mulheres. Os ofícios viris lhe são vedados. Volta-se a estabelecer sua total incapacidade civil. O direito de progenitores coloca-a em segundo lugar para receber a herança paterna.

Quando é solteira, vive sob o domínio do pai. Caso não encontre marido, é freqüentemente, e à sua revelia, encerrada nos conventos. Casada, o marido manda e desmanda do seu destino. Dirige completamente a vida da mulher, repudia-a e, achando-se traído, pode encerrá-la num convento ou no cárcere. Os filhos só conhecem a autoridade do pai.

Ao mesmo tempo, expande-se uma vasta literatura que zomba das mulheres ou as diminui. Os misó-

ginos citam Santo Agostinho que afirmava que a “mulher é um animal que não é seguro nem estável”. Emparedada no lar, a mulher casada não tem nada a ver com os negócios públicos, não tem relações fora da família e lhe é imposta a ferro e a fogo uma moral severíssima. Como moral idêntica não se pede aos homens e, em virtude da severidade dos costumes familiares, essa é uma época áurea para a prostituição. A prostituição atinge graus muito elevados em toda Europa, aceita e até defendida pelos moralistas. Dizia delas o historiador Lecky: “Tipo supremo de vício, é a guarda mais ativa da virtude” (6).

“A sociedade burguesa européia, dos séculos XVI a XIX, instalou-a em seu lar como dona de casa e a fez respeitável enquanto desempenhava esse papel. Paralelamente, e não sem muitas limitações, ela tem acesso ao direito da cultura, às letras, não sem ironia de Molière. As “mulheres sábias” serão sempre exceções. O código de Napoleão considera, ainda, a mulher, como menor, e sob a tutela do marido.

Quando no século XIX, se difunde pouco a pouco a prática do sufrágio universal, a mulher fica dele excluída. Há apenas menos de quarenta anos, com o movimento feminista, a mulher vai adquirindo os direitos que a fazem igual ao homem: direito de possuir bens, direitos sobre os filhos, acesso às funções públicas, direito ao voto. É uma verdadeira emancipação.

Mas, até a segunda guerra mundial, dizer que uma mulher era “emancipada” comportava um com-

ponente pejorativo. Em muitos meios, ainda, a mulher permanecia como instrumento de dominação ou de prazer (7).

“Surgem as máquinas, a propriedade fundiária se arruína e, ao contrário do que pensava Comte, a mulher é solicitada para o trabalho fora de casa. Tomando parte na produção, ela começa a colocar as bases da sua libertação (8).

“Pela primeira vez, vê-se ao lado dos homens, participando com ele da condição proletária, criando, com ele, uma consciência comum, nascida da mesma sujeição, unidos, portanto, na mesma luta. Se por um lado fazendo doze ou catorze horas de trabalho nas usinas, além de ter sobre si o cuidado da casa e dos filhos, a mulher é mais esmagada do que antes (sobretudo ganhando como ganhava, pelo mesmo trabalho, metade do salário do homem). Por outro lado ela saía do isolamento em que a mantinham o trabalho do campo e o serviço doméstico” (9).

“Mas a longa servidão feminina, o hábito da submissão, a falta de tradição de luta, criaram logo a maior exploração do trabalho feminino na época da industrialização” (10).

“Podemos dizer que até fins do século passado, isto é, há menos de cem anos a regra geral para a mulher do meio abastado, era, no máximo, saber ler, escrever, contar, às vezes falar uma língua estrangeira, além das prendas domésticas e artísticas: costura, bordado, piano, pintura. Tais prendas ti-

nham por fim realçar a sua graça e a sua feminilidade, fazê-la brilhar nos salões, mas raramente lhe permitiam participar efetivamente da vida e dos problemas do marido.”

“As duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) vieram, ainda, modificar a situação da mulher. Os homens partiam para a luta. Era preciso assegurar a continuidade da vida da população ci-

vil. Muitos domínios que, até então, eram reservados aos homens, muitos trabalhos que não eram de “mulher” tiveram que passar, por força das circunstâncias, para mãos femininas. Ainda uma vez, a situação imediata piorou. Mas, passado o conflito, não foi mais possível excluir de campos onde elas tinham provado que a pretensa capacidade ou inferioridade feminina era, sobretudo, fruto de preconceitos ou de inexperiência” (11).

B. RELIGIÕES

Um exame das grandes religiões não cristãs mostram bem sua forte tendência em depreciar a mulher. Não hesitam em despojá-la da sua personalidade religiosa e social. Um desprezo da mulher particularmente acentuado manifesta-se no budismo e nas suas numerosas variedades hindus e asiático-orientais. Segundo essa doutrina, o mundo é ilusão (maya) e o seu caráter enganador manifesta-se especialmente na mulher, quer se trate da esposa, da mãe ou de qualquer outra mulher. É o que ensina, por exemplo, uma seita sivaítica. Em todo o seu ser, a mulher é “maya”, isto é, aparência enganadora. É necessário por isso excluir da união com ela qualquer prazer ou desejo terrestre.

Sob o ponto de vista religioso, a mulher ocupa também um lugar de inferioridade. Segundo algumas seitas hindus, aparentadas com a doutrina Jaina e que encontramos desde o século quinto antes de Cristo até aos nossos dias, a mulher é

absolutamente incapaz de atingir a salvação. Quando muito, segundo a doutrina budista, deverá por causa da impureza da sua natureza, renascer sob outra forma antes de poder iniciar o caminho da salvação. Mas, de modo algum, poderá atingir os graus superiores da santidade que conduzem ao Nirvana.

Segundo a autêntica doutrina, “o exterior da mulher é o de um santo, mas o seu coração é o de um demônio”. Só o homem pode atingir a dignidade de Buda, mas não os animais nem as mulheres. O contato com a mulher é uma infâmia para o homem. “Enquanto o homem não conseguir suprimir de si o mínimo desejo para com a mulher, o seu espírito permanece preso como o vitelo à vaca”. Buda ensina aos seus discípulos: “Defende-te da mulher, essa manhosa tentadora que, pelo sexo e pelo amor, chama para o mundo aquele que dele se evade”. É esta maneira de pensar que explica o rigoroso celibato do sacerdote budista.

“A religião japonesa dá-nos uma confirmação de que o acesso ao sacerdócio não significa o reconhecimento de um igual valor da mulher. No Japão onde é submetida ao rito humilhante da camuflagem dos cornos, a mulher desempenha, no xintoísmo, ao lado do homem, um importante papel cultural. No Japão antigo, antes de se ter feito sentir a influência das doutrinas chinesas, a mulher ocupava, na vida pública, um lugar ainda mais eminente que na época posterior. Ao contrário, no Japão atual, em que a mulher, sob a influência de idéias ocidentais, conquistou uma maior independência, a sua participação no exercício do culto é mais restrita. O exame de textos do velho cerimonial mostra-nos que antigamente era uma sacerdotisa que estava encarregada do escrínio precioso das “oito divindades”. O escrínio de Kashima era guardado por uma Miko que estava à cabeça de todo o corpo sacerdotal, sob o nome de “Preservadora das coisas impuras”. As funções sacerdotais mais importantes do antigo Japão eram exercidas por mulheres. Somente nas expedições guerreiras é que, por falta de mulheres, essas funções poderiam ser exercidas por um homem. Mas a esse homem era dado o nome de “mulher sagrada”. Sob o sopro moderno da emancipação feminina que atingiu também o Japão, a participação da mulher nas funções do culto tornou-se diminuta. A evolução japonesa mostra em suma, que a participação da mulher no serviço do culto, longe de crescer em proporção com o

progresso da emancipação feminina, vai diminuindo”.

“Foi somente no moderno budismo japonês que se introduziu pouco a pouco uma posição absoluta segundo a qual a mulher, se é crente, pode também atingir a salvação, imediatamente após a vida terrestre”. A filosofia e a teologia persas têm um conceito da mulher ainda mais pessimista. Segundo o dualismo persa e o maniqueísmo que lhe sucedeu, Eva não é criatura de Deus bom, mas uma invenção do Príncipe do mal, criada para acorrentar Adão pela voluptuosidade e para introduzir a dualidade no seu ser de luz. O contato com a mulher é fonte de impureza. A mácula sexual desempenha, entre os Persas, um grande papel.

Não pode restar dúvida alguma, se compararmos estes costumes com os das religiões não cristãs, verifica-se que o acesso da mulher ao sacerdócio funcional dessas religiões de modo algum implica que se lhe reconheça uma dignidade igual, iguais direitos, valor igual ao do homem. Ao contrário, é surpreendente que, precisamente onde a mulher era mais considerada, a sua participação no sacerdócio era relativamente reduzida. Encontramos, por exemplo, nos povos germânicos, entre as pessoas encarregadas do serviço divino, alguns casos de mulheres profetisas, mas o culto propriamente dito, mesmo o que se dirigia às deusas, parece ter sido sempre confiado aos homens. Apenas na Islândia encontramos profetisas.

Inversamente nas religiões e civilizações em que a mulher era me-

nos considerada, vemo-la ligada ao serviço cultural numa proporção extraordinariamente grande. Na Grécia, por exemplo, onde a mulher gozava de pouca consideração, havia ao lado dos sacerdotes as "sacerdotisas". Deviam ser de boa estirpe, de boa reputação e sem defeito corpóreo. Havia em Delfos um colégio de mulheres destinadas ao culto. Este colégio tinha por missão fornecer um grupo de bacantes que caminhavam em procissão, empunhando fachos e tersos, nas orgias de Delfos e do Parnasso, nos festejos de inverno. Ao colégio de Delfos, juntava-se outro vindo de Atenas. Em Esparta faz-se menção a onze Dionisiádes e, em Elea, a dezesseis virgens sagradas que escoltavam Dionísio e cantavam em sua honra um antiquíssimo hino religioso. Limitando as orgias e esses colégios de mulheres de instituição oficial, Apolo queria regulamentar o culto estético.

Para sabermos até que ponto, em certos cultos exóticos das religiões naturais do velho paganismo, estes usos cultuais tinham rebaixado a mulher considerando apenas o seu sexo, tornando-as verdadeiras mulheres públicas oficialmente em função no templo — hierodulas — basta ler Estrabão ou Heródoto ou mesmo escritores bíblicos como Jeremias, Ezequiel, Oséias que, sobre o assunto nos deixaram quadros e cores carregadas.



Na Roma antiga, a mulher ocupa uma posição de particular relevo no culto oficial, graças à notável instituição das Vestais. No entanto, mesmo aí se manifesta, com

evidência, a ausência de direitos da mulher em relação ao homem. No princípio, era a rainha que pessoalmente devia manter o culto de Vesta, deusa do lar, do mesmo modo que o rei devia presidir pessoalmente o culto de Jano. Quando esta função se tornou exclusivamente pesada para a rainha, foi instituído, para a aliviar, um novo sacerdócio. Inicialmente não havia, talvez, mais que uma Vestal. Esta instituição das Vestais existia não somente em Roma, mas também no Lácio. Tinham por missão guardar o fogo sagrado que jamais devia extinguir-se e deviam, todos os dias, fornecer a água necessária para os ritos sagrados. O seu serviço era severo: a sua vida, a das virgens enclausuradas.

A perda da virgindade era sancionada com uma pena terrível: a Vestal desonrada era enterrada viva. As vestais que se mantinham irrepreensíveis tinham direito a grandes honras. Tinham o direito de sair num carro, do mesmo modo que o rei e os flâmines; eram-lhes reservados lugares honrosos nos jogos públicos; iam lá com vestidos de festa, um diadema à volta da fronte, um véu sobre a cabeça e uma túnica, ligados por uma faixa de lã. Eram as vestes nupciais da noiva romana. O rito da sua investidura era do mesmo gênero. O pontífice recebia a nova Vestal, pronunciando estas palavras: "Tomo posse de ti, bem amada". O pontífice supremo e a Vestal eram considerados como um casal de esposos. Daqui a extinção dos direitos da Vestal como de qualquer outra esposa. O esposo, isto é, o Pontífice, tinha

plenos poderes de vida e de morte sobre a sacerdotisa de Vesta. Como esposo, podia puni-la de morte em caso de incesto, pois a sua falta equivalia a um adultério.

A Vestal não era livre de contrair este "matrimônio", pois era, em vez de rainha, a guardiã do lar. Vemos, pois, que a sua elevada posição no culto de modo algum significava o reconhecimento, na sua pessoa, de uma igual dignidade de mulher. O resultado desta sumária digressão histórico-religiosa é surpreendente. Nos cultos e civilizações que passamos em revista, ao lado de uma depreciação mais ou menos acentuada da mulher, encontramos-a elevada ao ponto de sacerdotisa desses mesmos cultos. Isto prova que a sua admissão ao serviço do culto não significa o reconhecimento do seu valor. Se completarmos este exame com o dos usos germânicos, e sobretudo com o dos usos cristãos, não restará dúvida: neles a mulher é excluída das funções sacerdotais, o que de modo algum significa qualquer inferioridade da mulher em relação ao homem. Parece antes que, da descoberta da dignidade humana e pessoal da mulher, se passa naturalmente ao respeito pela sua vocação e qualidades próprias e se chega à conclusão de que o exercício das funções do culto público não convém à mulher, e que ela foi destinada a tarefas que con dizem melhor com a sua natureza particular.



É exclusivamente à revelação que a humanidade deve o saber que a

mulher é verdadeiramente uma criatura de Deus e que a sua dignidade de pessoa é igual à do homem. Diz-se claramente na narração bíblica da criação que Deus criou o ser humano homem e mulher, que criou, portanto, a mulher como ser humano. Cristo veio confirmar esta verdade. A posição que ele toma na questão de casamento é um retorno, para além dos compromissos da história e da poligamia sucessiva dos patriarcas do Antigo Testamento, à "ordem primitiva", aquela em que o criador, no princípio, fez o gênero humano homem e mulher e disse que formariam uma só carne (Mt 14; Mc 10).

A doutrina cristã da criação e os dogmas marianos contêm os enunciados mais claros que têm sido e poderão ser jamais formulados sobre a mulher seja ela virgem, esposa ou mãe (12).

A influência do cristianismo se fez notar no mundo de maneira marcante. Nessa época todo direito, todas as leis traziam suas inspirações.

O Evangelho traz para a mulher uma palavra que a eleva e dignifica, como também a todos os demais humilhados e ofendidos: os pobres, os servos, os doentes. São as mulheres, ao lado dos escravos, que se convertem primeiro. O mestre Nazareno, sacrificado na estaca da subversão, prometeu que os oprimidos seriam exaltados, prometeu que os despojados possuiriam a terra. A mulher participa da clandestinidade do cristianismo perseguido. Ela testemunha ao lado dos mártires e muitas vezes supera-os

com coragem. No entanto é de se perguntar se esse sopro libertário que envolveu a sina da mulher, originando-se das páginas dos Evangelhos, teve seguimento nos consolidadores do cristianismo e entre os seus mais eminentes divulgadores. Parece certo que não. São Paulo fortalece o preconceito judaico contra as mulheres. É como hebreu que ele fala: "O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem". Santo Ambrósio dizia a respeito da mulher: "É justo que a mulher aceite como soberano aquele que ela induziu ao pecado". São Crisóstomo comparava a mulher a um animal nocivo; São Jerônimo considerava-a incompatível com a perfeição cristã. No reinado de Gregório VI, o celibato é imposto aos padres, o antifeminismo toma conta do clero.

Todos esses conceitos influíram no direito.

A mulher não pode exercer officios viris, nem depor nos tribunais.

Não pode divorciar-se; o seu dote torna-se patrimônio dos filhos, não pode dispor dele. Os padres da Igreja influenciam os Imperadores, a cujo poder aderiram. A mulher já não é Maria, a mãe do filho do homem; já não é Madalena a que escolheu a melhor parte; já não é a "Santa Mulher", a quem Cristo ressuscitado apareceu primeiro do que aos homens. Tertuliano chama-a a porta do diabo. E escreve-se a respeito dela o pensamento da época: "Mulher, é por tua causa que o filho de Deus teve que morrer. Deverias andar sempre de luto e vestida de andrajos" (13).

II. TEORIAS QUE INFLUENCIAM NA FORMAÇÃO DE UMA IMAGEM DA MULHER NO MUNDO

1. Na antiguidade

Platão: "Os homens covardes que foram injustos durante a sua vida serão, muito provavelmente, metamorfoseados em mulheres quando se reencarnarem" (A República, 5.º livro).

Aristóteles: "A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidade. A mulher é mais vulnerável à piedade. Ela chora com maior facilidade, é mais chegada à inveja, à lamúria e à injúria; facilmente se

deixa abater pelo desespero. É menos sanguínea que o homem. Ela tem menos pudor e menos ambição. Ela é menos digna de confiança, é mais rapidamente decepçionável. Ela tem melhor memória, ela é mais circunspecta, mais encabulada. Ela se decide com mais dificuldade à ação. Ela tem menos necessidade de alimento (quantidade)" (Historia Animalium, LIX).

Provérbio Islâmico: "As mulheres são a praga de satanás" (14).

Os gnósticos da antiguidade cristã retomaram a doutrina persa maniqueísta declarando que a primeira união conjugal foi o primeiro pecado. Esta opinião que nada tem de cristão, mas que, pelo contrário, está totalmente impregnada de maniqueísmo, levou mais de um Padre neoplatônico, mais de um asceta da Igreja primitiva a erros lamentáveis. Teve efeitos mais graves ainda na mística judaica dos séculos seguintes, a Kabbala, que tem início no século VIII e se propagou até o século XVIII. Esta Kabbala judaica, sem dúvida sob a influência do pensamento gnóstico, considera a mulher uma degradação do homem primitivo. O homem originalmente, era desprovido de qualquer caráter sexual exterior. Tinha em si os dois sexos. Não foi criado homem e mulher, mas homem-mulher numa mesma pessoa, isto é, com duplas propriedades sexuais. A mulher não era, portanto, a realização do pensamento de Deus, mas um fenômeno de degenerescência.

Este androgenismo entrou até no pensamento cristão, no século IX, através do mais ardente dos neoplatônicos da Idade Média, o filósofo irlandês-escocês Escoto Eriúgena. A Palavra de Deus “não é bom que o homem esteja só” é interpretada como uma ironia. Assim à mulher vê negado o seu valor próprio e na autonomia pessoal. A mesma posição foi definida até no século XI, pelo professor de Teologia francês Amaury de Bêne, morto em Paris, em 1206. Referia-se a Escoto Eriúgena e a outros neo-platônicos.

“À volta do ano 1600, o místico e teólogo luterano Jacob Bohme (1624), mestre do pensamento e da literatura alemãs, reedita a teoria do androgenismo, enquadrando-a na sua filosofia panteísta da natureza e nos seus princípios reformados. E, já no século XIX, podemos ler na *Ética cristã* do teólogo protestante Ph. Th. Culmann (1864, p. 41 e sg.) que a essência do pecado consistiu na inclinação do primeiro homem para o modo de vida constituído pela dualidade dos sexos. Deus, no princípio, não criara o ser humano homem e mulher, mas apenas Adão. Ora, tendo Adão observado entre os animais a dualidade dos sexos, sentiu a ausência dela em si como uma inferioridade. “Deus, prossegue o filósofo, teve então de condescender em dar remédio, pela criação da mulher, a esse estado de coisas que se tornara, pela falta do homem, uma lacuna na criação. Assim, a aparição da mulher sobre a terra é uma catástrofe de tal modo horrível que não é ultrapassada senão pela própria morte de que ela é o prenúncio” (15).

2. Idade Média

No universo biológico da Idade Média, vemos que a mulher não é igual ao homem.

Santo Tomás de Aquino diz: “A mulher é um ser accidental e falho.

O seu destino é de viver sob a tutela do homem; de si mesma ela não tem autoridade alguma” (6).

“Por natureza a mulher é inferior ao homem em força e em dignidade”, e por natureza está-lhe

sujeita, pois no homem o que domina pela sua própria natureza é a faculdade de discernir, a inteligência” (Suma Teológica I. q. 92, a. 2, ad 2). É por esta razão que a mulher aparece na cena da tentação como o instrumento **complacente** que **contribui para a queda do homem** (Suma Teológica II, IIq, 165, a. 2, cdf). Diz Santo Tomás que a mulher era mais frágil do que o homem e podia ser **mais facilmente seduzida**. É menos capaz de resistir à concupiscência que o homem (Suma Teológica II, II, q. 165, a 2 ad. I)” (16).

3. Idade Moderna

No século XVII **Rousseau** interpreta a mulher como um ser destinado ao casamento e à maternidade. São os filósofos agarrados ao ideal democrático que a defendem. **Diderot** lamenta a sina feminina e **Voltaire** denuncia a injustiça de que são vítimas. **Condorcet** bate-se para que as mulheres alcancem participar da vida política. “Dizem que as mulheres não têm o sentimento da justiça e seguem antes os sentimentos que a consciência. Mas não se trata de sua natureza e sim de sua educação”.

4. Idade Contemporânea

Kant fala da mulher com a soberania do velho celibatário. Considera-a pouco dotada intelectualmente, caprichosa, indiscreta e moralmente fraca. A sua única força é o encanto. O seu amor esforça-se por seduzir todos os homens. A sua virtude é apenas aparente e

convencional: “As mulheres, os judeus e os eclesiásticos geralmente não se embriagam porque são socialmente fracos e não podem, por isso, sair da sua reserva; o seu valor, com efeito, consiste apenas na crença dos outros na sua pureza, na sua piedade e moralidade.”

A influência de Santo Tomás continua no século XIX. Em 1893 **Hermann Schell** explica em sua *Dogmática Católica* (Paderborn, 1893 t. III, 667) a doutrina pauliniana da seguinte maneira: a mulher exprime antes de tudo o aspecto sensível da humanidade que se manifesta especialmente nas aptidões e comportamento sexuais. Por isso podemos dizer que foi feita para o homem e para encontrar na sua companhia apoio, complemento e acabamento. O homem, ao contrário, é menos fortemente marcado pelas suas aptidões sexuais, mas exprime, antes, a personalidade livre que deve utilizar a natureza e dominá-la e não ser condicionado e dominado por ela.

Pedro Tischleder censura a mulher e não o homem dessa necessidade de encontrar um complemento no outro sexo.

Kierkegaard em “Etapas do caminho da Vida” explica a atitude negativa do homem moderno em face da mulher. Na primeira parte das “Etapas” (*In vino veritas*), mostra como “o homem anônimo recusa o amor da mulher”. **Halle**, 1908, afirma que “o instinto confere à mulher uma semelhança animal, um estado de dependência, de calma e de serenidade”. É a esta semelhança animal que se deve a

sua "esterilidade intelectual", a sua manha e duplicidade. Da melhor das mulheres não se pode fazer mais do que uma boa dona de casa.

Guilherme Liepemann, na sua "Psicologia da mulher" (2.^a ed. Viena, 1922) reduz o ser da mulher a três notas fundamentais: vulnerabilidade, recalcamiento, maternidade. Mas é **Artur Schopenhauer**, o filósofo de pessimismo fortemente impregnado do pensamento hindu, que leva ao extremo o desprezo e a despersonalização da mulher. No capítulo sobre "as mulheres" e sobre "a metafísica do instinto sexual", Schopenhauer, referindo-se ao livro V da Política de Platão, coloca a mulher entre o homem e o animal. A mulher é uma armadilha da natureza; foi feita para enganar o homem, cegá-lo, fazê-lo sair do seu caminho, e conduzi-lo, assim, ao casamento e à cópula.

Em **Frederico Nietzsche**, encontramos, ao lado do bem que ele diz da mulher, imensos elementos negativos. No célebre capítulo de Zaratustra intitulado "Mulherzinhas velhas e novas", Nietzsche afirma: "na mulher tudo é enigma e tudo tem a sua solução: a gravidez. Para a mulher o homem é instrumento; o fim é sempre o filho. Mas, que é a mulher para o homem? O brinquedo mais perigoso. O homem deve ser educado para a guerra e a mulher para a recreação do guerreiro. Todo o resto é loucura".

5. Nossos Dias

Balzac: "O destino da mulher e sua única glória estão em fazer pulsar o coração dos homens. A mu-

lher casada é uma escrava que devemos saber colocar num trono" (17).

Freud: "A grande pergunta a que ninguém jamais respondeu e a que eu mesmo não fui capaz de responder nos meus 30 anos de estudo da alma feminina é esta: quais são os desejos de uma mulher? Um homem de 30 anos parece um indivíduo em pleno vigor e vigor num certo sentido, parece também ainda não completamente desenvolvido. Mas esperamos que ele seja capaz de fazer bom uso das possibilidades de desenvolver-se que a análise descobre nele. Uma mulher da mesma idade nos espanta muitas vezes por sua rigidez psicológica incurável. Para ela não existe nenhuma esperança de progresso: tudo se passa como se já tivesse percorrido cada uma das etapas do processo e que nenhuma influência pudesse mais atingi-la. Tudo se passa como se, de fato, o processo difícil que conduz à feminilidade tivesse esgotado todas as possibilidades do indivíduo" (18).

Teilhard de Chardin: "Tendo ido, desde a infância, à procura do coração da matéria, era inevitável que um dia eu me encontrasse face a face com o feminino. Parece-me indiscutível que no homem — mesmo a serviço de uma causa de um Deus — não é possível nenhum acesso à maturidade e à plenitude espiritual, fora de qualquer influência sentimental que venha nele sensibilizar a inteligência e suscitar, pelo menos inicialmente, as potências do amor" (19).

Mathilde Vaerting defendeu a idéia que a mulher como fenômeno

concreto é na nossa civilização o "produto" da dominação dos homens e que é unicamente por causa desta dominação que a existência feminina tornou-se um problema (20).

Simone de Beauvoir: "O problema da mulher sempre foi um problema do homem porque a história da mulher é determinada pelo homem. A idade do bronze deu ao homem os objetos que lhe permitiram afirmar-se plenamente aos olhos da mulher e fundar o patriarcado. O dia em que ele abandonou a vida nômade pela agricultura, o

homem começa a refletir sobre a sua existência e sobre o mundo; e assim nasceram o direito e a moral, as relações da família com a coletividade, que decidem a posição da mulher (21).

"São precisamente as civilizações mais elevadas, mais desenvolvidas que dão com maior frequência o exemplo da maior dominação masculina sob uma forma mais sutil e mais absoluta" (22).

Mao Tse Tung: "As mulheres conduzem sobre os ombros a metade do céu e elas devem conquistá-lo" (23).

III. A MULHER NO MUNDO ATUAL

1. Situação mundial

"Três fenômenos caracterizam a nossa época: Primeiro, a gradual ascensão econômico-social das classes trabalhadoras. Partindo da reivindicação dos seus direitos, especialmente de natureza econômico-social, avançaram, em seguida, os trabalhadores às reivindicações políticas e, finalmente, se empenharam na conquista de bens culturais e morais. Hoje em toda parte, os trabalhadores exigem arduamente não serem tratados à maneira de meros objetos, sem entendimento nem liberdade, à mercê do arbítrio alheio, mas como pessoas em todos os setores da vida social, como no da política e da cultura.

Em segundo lugar, o fato por demais conhecido do ingresso da mu-

lher na vida pública; mais acentuado talvez, em povos de civilização cristã mais antiga, já em escala considerável em povos de outras tradições e culturas. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não aceita mais ser tratada como objeto ou instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social.

Notamos finalmente que, em nossos dias, evoluiu a sociedade humana para um padrão social e político completamente novo. Uma vez que todos os povos já proclamaram ou estão para proclamar a sua independência, acontecerá dentro em breve que já não existirão povos dominadores e povos dominados" (Pacem in Terris, n. 39 a 43).

Rose Marie Muraro escrevia em 1967 (24).

“Alguns dados brutos sobre a situação atual poderão projetar nova luz sobre este período de transição que a humanidade está vivendo. Segundo os cálculos das Nações Unidas, a população mundial é, atualmente, de 3.400.000.000 de habitantes. A mesma entidade estima o crescimento da população mundial nos próximos cem anos, de acordo com o seguinte quadro:

(População em milhões)

Ano	Países subdesenvolvidos	Países desenvolvidos	Total
1970	2.900	1.020	3.920
2005	4.000	1.150	5.150
2055	5.400	1.490	6.890

Este quadro foi elaborado com base nas taxas de natalidade atuais, mas provavelmente ele corresponde a um acréscimo mínimo, uma vez que essa taxa vem aumentando continuamente, em especial nos países subdesenvolvidos (os mais populosos). Se isto se der, no fim do século veremos de cinco a seis bilhões de pessoas sobre esta terra.

Fato diretamente correlato a este, da maior gravidade, e que foi uma das grandes descobertas da última década, é o estado da humanidade diante da fome. Pesquisando em todos os continentes, a FAO (Food and Agriculture Organization, órgão da ONU, especializado em problemas de alimentação) chegou às seguintes conclusões:

1 — O regime alimentar de mais da metade da humanidade é insuficiente para manter essas populações em boa saúde.

2 — Em certas partes do mundo, o nível de consumo é ainda mais baixo do que antes da segunda guerra mundial.

3 — A subalimentação e a desnutrição tem como principal causa a pobreza.

4 — O melhor remédio contra a pobreza é o desenvolvimento econômico.

De acordo com estas apurações, podemos chegar à aterradora conclusão: 75%, ou seja, dois terços da humanidade vivem em estado de fome.

Esses dois terços são justamente as populações a que se convencionou chamar de subdesenvolvidos, e que são as populações da Ásia, África e América Latina. Os outros 25% são os povos da Europa Ocidental e América do Norte.

Qual a origem deste fato? Se olharmos a situação da agricultura no mundo, veremos que o acréscimo anual não corresponde ao acréscimo demográfico. Assim a persistirem as condições atuais da economia mundial, quando chegarmos ao ano dois mil, e a população tiver dobrado, como se poderá assegurar a sobrevivência da humanidade? E lembra-nos que esta data está a trinta anos de hoje. Pouco mais que uma geração.

A curva da produção agrícola mundial ultrapassa a da expansão demográfica. Mas, se isso é válido no conjunto do mundo, não é regionalmente. Por exemplo, o Extremo Oriente e a América Latina estão em nítido retrocesso, ao passo que os Estados Unidos produzem anualmente excedentes que dariam para alimentar muitos países subdesenvolvidos. O governo americano chega a pagar aos fazendeiros para que não produzam acima de certa quota porque lhes sairia mais cara a estocagem e a armazenagem que o financiamento. Como nos tempos bíblicos, os celeiros do país encontram-se abarrotados, e toda a ajuda em alimentos que os americanos prestam ao exterior não dá para esgotar as suas disponibilidades.

Após esta rápida análise da força dominante no mundo "livre" procuremos observar a outra força que,

no momento atual, mais se lhe afronta. Seria mentir dizer que o comunismo, historicamente, não foi um brilhante sucesso. Há quase cinquenta anos da revolução russa, do famoso nove de outubro de 1917 o panorama que se apresenta aos nossos olhos é o seguinte: O comunismo russo dominou, seja por meio de diplomacia, ou hábeis alianças, toda a Europa Oriental. E, tendo preparado com grande antecipação a Revolução na Ásia, está atualmente implantado na China, Coreia do Norte, Vietnam e em fase de implantação no Laos e na Indonésia. Cuba foi o seu primeiro sucesso na América Latina.

Concluindo: duas grandes tensões — comunismo-capitalismo — disputam entre si a liderança mundial. Entretanto, conforme o que pudemos ver, nenhuma delas tem força suficiente para vencer em tempo certo o grande problema com o qual a humanidade se depara neste fim de século, que é o problema da sobrevivência.

2. Situação no Brasil

Tão importante quanto o plano internacional é a constatação dos dados relativos à situação interna de um determinado país, no caso o Brasil, concernentes à vida de sua população. À primeira vista podemos discernir a existência de três grandes camadas da população: as classes dirigentes ou a alta burguesia, numa proporção de 5%; as classes médias numa proporção de 15%, e as classes populares (operários e camponeses) numa ordem de 80%. De acordo com os dados

de Raul Plebisch, Diretor da CEPAL, em seu informe sobre a América Latina, os 5% das classes dirigentes usufruem de 30% da renda nacional, as classes médias, 50% e as classes populares, de apenas 20%.

A situação das zonas rurais é ainda mais grave. Cerca de 0,1% da população total do Brasil (cerca de 65.000 pessoas) possuem mais da metade das terras aráveis, vale dizer, alguns milhões de quilômetros quadrados. E estima-se que aproximadamente 17 milhões de camponeses ativos e suas famílias, isto é, mais de 30 milhões de pessoas, não têm propriedade. Trabalham em terra alheia, e, portanto, não têm esperança alguma de possuir chão próprio.

Quarenta milhões de pessoas são analfabetas em nosso país, (mais de 50%), apesar das sucessivas campanhas de alfabetização.

Todas as grandes cidades sofrem do fenômeno das "favelas" (mocambos, alagados, ou que nomes lhes dêem). Apenas no Rio de Janeiro calculados são em mais de um milhão os favelados, para uma população de cerca de quatro milhões de habitantes.

Embora menos complexos que a situação internacional, a situação interna dos países, principalmente dos países subdesenvolvidos, reflete fielmente o que se passa em plano maior.

De um lado: países mais fortes (em minoria) que dominam uma maioria de países mais fracos. De outro: grupos sociais mais fortes,

que por sua vez dominam maiorias menos favorecidas. É uma imensa ordem de dominação. Universal. Cósmica. Implacável.

Isto tudo é o sinal de uma realidade mais profunda. O fato visível, inegável como a luz, é que o ser humano criou para si um mundo dominado pelos mais fortes. Um mundo dos povos fortes para os povos fortes. Dos grupos mais poderosos para os grupos mais poderosos. Os povos subdesenvolvidos, os grupos menos privilegiados e o elemento feminino da humanidade acham-se sob uma dominação que, aparentemente, é impossível quebrar.

A mulher do Brasil colonial, como tão bem assinala Gilberto Freyre, vive um pouco à maneira das mulheres árabes enclausuradas. E se não se pode falar em harém, é bom lembrar que o senhor tem todos os direitos sobre as suas escravas e delas não se priva com o consentimento mudo ou, pelo menos, com o conhecimento da sinhá. "Mesmo as mulheres legítimas, seja por diferença, ou impotência, e algumas por orgulho (uma senhora poderá ter ciúmes de uma negra?) autorizam com o seu silêncio essas uniões adúlteras que aumentam o capital humano".

No tempo do Império, ainda, "os bordados, os doces, a conversa com as negras, o cafuné, o manejo do chicote e, aos domingos, uma visita à igreja, eram todas as distrações que o despotismo paterno e a política conjugal permitiam às moças e às inquietas esposas".

Dessa situação, Paulo Prado conclui de maneira brutal: “De fato só o marido contava. A mulher, acessório de valor relativo, era a besta de carga, sem direitos nem proveitos ou o fator incidental na vida doméstica. Fenômeno androcêntrico de origem portuguesa-indígena, que tanto tempo perdurou na evolução étnica e social do país”.

Quanto à instrução, parece por muito tempo ter-se inspirado no dito português, segundo o qual “uma mulher está já bastante instruída quando lê as suas orações e sabe escrever a receita de goiaba. Mais do que isso seria um perigo para o lar”.



Logo após a Independência, no entanto, a Assembléia Constituinte de 1823 incluía um projeto de instrução, em que venceu a emenda pela qual devia ser instruída a “mocidade brasileira de um e outro sexo”. Uma lei de 15 de outubro de 1827 determinava: “Haverá escolas de meninas nas cidades, vilas e lugares mais populosos, em que os presidentes de província em Conselho julgarem conveniente este estabelecimento”. Mais ainda: ordenava a igualdade de salário para mestres e mestras. As grandes dificuldades residiam justamente, em encontrar tais mestres e mestras, de um lado e, do outro, em vencer a resistência dos pais que, em 1854, ainda achavam “desnecessários os exames pois apenas e preciso que a menina saiba assinar o nome”. Insistem, sobretudo, para que se ensine às filhas prendas domésticas, os trabalhos de costura e bordado.

No fim do século XIX, grande parte das famílias abastadas paga professores particulares às filhas para que a instrução — que consiste então, sobretudo em noções da língua nacional, alguma língua estrangeira, aritmética e religião — lhes seja ministrada em casa. Aliás, as senhoras e moças não saem sós à rua, o que é mal interpretado e mal visto.

Quanto às outras classes da população, aquelas que, engrossadas pelos escravos totalmente libertos em 1888, constituem a população laboriosa, quer nos campos, quer nas cidades, a serviço das famílias ricas, quer mesmo no comércio ou no artesanato, não se cuida em absoluto de lhes dar instrução.

Se daqui a cem anos alguém debruçar sobre a imprensa de hoje no Brasil para procurar discernir os traços ou as imagens que a mulher refletia nesta segunda metade do século XX (como Lúcia Miguel Pereira tentava fazê-lo para os séculos passados de nossa história), verá avultar principalmente, três tipos femininos, três modelos, no sentido sociológico da palavra:

— O da senhora da alta sociedade, bem vestida, bem educada, transitando livremente, guiando carro, vestindo calças compridas, moderna e emancipada. São as nossas sinhás de hoje, que se encontram nos salões, mas também nas quermesses, nos páreos hípicas, na sociedade reservada ao poder e ao dinheiro, da qual são a fina flor e ornamento no dizer dos cronistas sociais. Nelas está encarnado, principalmente, o aspecto **social** da mulher.

— O da mulata gostosa, tentadora, cantada e decantada pelos poetas populares, por certa poesia lírica boêmia, pelos sambas e canções. Nela é valorizado o aspecto **sexual** da mulher, o erotismo fácil, de certa maneira em estado puro, isolado de contexto. Pois a mulata “boa” não tem passado nem futuro, nem casa fixa, nem estatuto social outro senão o de ser o objeto apetecível do momento. Tem parentesco com a “nêga fulô” das senzalas, possibilidade viva de desenfrear o instinto liberto por um momento, das normas morais e sociais vigentes.

— Enfim, o da mãe dedicada, esposa devotada ao marido e ao lar; é a mulher na **família**, tratada com sentimentalismo e certa emoção de encomenda em ocasiões particulares: Dia das Mães, Natal, manifestações cívicas ou religiosas.

De 10, só 2 trabalham

Nuanças sociais e morais separam estes três modelos de mulher, nem sempre na vida, mas quase sempre no sentimento geral, na consciência coletiva. A senhora das colunas sociais, a mulata dos poetas e a simples mãe de família parecem-nos incompatíveis entre si. Temos dificuldade em imaginar a grã-fina costurando para os filhos ou fazendo contas para equilibrar o orçamento. E a muitos pareceria ainda uma profanação defender como um direito normal e legítimo da mãe de família a sua realização sexual. Parece que ainda subsistem, dentro de nós, um pouco daqueles comparti-

mentos estanques das categorias e tabus da sociedade colonial a respeito das mulheres.

A situação **de fato** da mulher no Brasil é reflexo de nossas estruturas econômicas, sociais e de nossa educação. E estas estruturas estão tão intimamente implicadas umas às outras que é difícil e, de certa maneira, artificial querer distinguir-lhes os efeitos.

A prostituição e o serviço doméstico são as duas saídas mais correntes para a situação de miséria de quem não tem aptidões outras, por falta de escolas primárias ou profissionais, ou não encontra outras soluções por falta de indústrias suficientes ou excesso de mão-de-obra e pagamento derisório nas zonas exclusivamente rurais. É bom lembrar que, no Brasil de hoje, ainda há pais que vendem as filhas para a família toda não morrer de fome.

Aquelas mesmas que se encaminham para o serviço doméstico muitas vezes também caem na prostituição ou se tornam mães solteiras, não só pelo fator econômico, mas pela solidão. Em Natal, por volta de 1950, um inquérito realizado pela Escola de Serviço Social revelou que 90% das prostitutas da cidade eram empregadas domésticas, em geral vindas do interior, morando na casa dos patrões e sem família na cidade. Como dizia uma empregada no Rio, a quem a patroa censurava por ela ter-se feito abortar: “O que é que a senhora quer? É este o único prazer que nos resta...”

O antigo sistema de "agregados", incorporados de certa maneira à vida da família, mas dependendo totalmente da boa vontade dos patrões, desapareceu quase totalmente. Foi substituído pela relação mais brutal do serviço pago, com muito menos consideração à pessoa que serve. Este começa mesmo a rarear nas cidades, onde a fábrica oferece um trabalho mais duro, mas delimitado, com horário certo, tarefas precisas, companheiras, sábados e domingos livres.

Não é normal que, numa sociedade, mais da metade das mulheres esteja a serviço de outras; abandonando os próprios filhos para cuidar dos filhos alheios, encerando tacos quando o piso de sua casa (!) é de chão batido, limpando as pratas, quando, para ela, a lata é o utensílio doméstico mais corrente, lavando e passando roupas finas, que herdará "quando não servirem mais", trabalhando aos sábados e, por vezes, aos domingos, quando o marido está em casa, namorando na rua ou no portão, porque o seu quarto é "depósito", dele não podendo dispor livremente.

Nas sociedades fortemente industrializadas, principalmente nas sociedades de estrutura socialista, o trabalho é direito e dever de cada um, seja homem ou mulher. Na concepção subjacente às nossas atuais estruturas, há dois princípios que dominam o nosso comportamento, mesmo de maneira inconsciente:

1 — Trabalho é negócio de homem, principalmente.

2 — O trabalho manual se opõe ao trabalho intelectual ou de direção, este dominando aquele de maneira absoluta.

Estarão as mulheres contribuindo para que não seja perpetuado no Brasil o subdesenvolvimento? Qual é a porcentagem de mulheres que trabalha no Brasil?

O IBGE citava 20%, mas esse dado é de 1950. No entanto o relatório do SESI para 1968 especifica 21%. Em 18 anos o contingente de mulheres trabalhadoras aumentou em apenas 1%. E vale ressaltar que, desses 21%, 80% trabalham no campo. O trabalho da mulher no campo não pode ser ainda considerado um trabalho, é uma servidão.

Nas zonas de latifúndio, ela ajuda o marido meeiro ou agregado. Trabalha de sol a sol, limpa a terra, planta e colhe. Não tem qualquer direito, ou qualquer amparo.

As que trabalham em fazendas, onde já está instaurado o sistema de salariado, têm quase sempre um subemprego. Raramente possuem carteira assinada. A previdência social não lhes chega, não sabem o que é uma reivindicação e, se sabem, isto lhes custa muito caro.

Pode-se dizer que o salário da maioria das mulheres trabalhadoras brasileiras do campo é um salário de lágrimas.

De cada 10 mulheres brasileiras, (dados do IBOP), só duas trabalham. Quem sustenta as oito restantes? Os pais, os maridos, os irmãos. Uma prodigiosa força de trabalho

é canalizada para a ocupação das panelas, da faxina, da roupa bem passada, enfim para atividades que não produzem nada.

Uma imensa energia é dirigida para as futilidades, desperdiçadas nos cabeleireiros e na leitura de revistas, no ócio e no tédio. Aparentemente a mulher que não trabalha é uma privilegiada. Realmente, ela é uma vítima. Fora do mercado de trabalho e não contribuindo para a produção nem para o enriquecimento do país, nem por isso é menos explorada. A tarefa de dona de casa é a mais obscura, a mais rotineira e a que não apresenta qualquer fruto.

Quando alguém pinta um quadro vê o seu quadro diante de si. Quando escreve um livro sente a alegria inexprimível de levar o seu pensamento a outros. Mas a dona de casa que passou o dia limpando a poeira vê no outro dia a poeira acumular-se nos mesmos lugares. Se bruniu meticulosamente as panelas, assistirá no dia seguinte às manchas de gordura colarem-se à frigideira como na semana anterior, como no último mês, como no ano passado, como sempre.

Ainda que tenha empregadas, a mulher que não trabalha é obrigada a reinar sobre esses objetos efêmeros; é obrigada a ocupar-se de uma rotina que lhe embota o espírito e lhe cerra todas as janelas do mundo.

Sem contar que a dependência material a leva a todas as outras. É freqüente ouvirmos o homem dizer à mulher: "Tu não sabes nada, tu não fazes nada".

E no entanto ela passou o dia ocupadíssima. E se nada sabe é que gastou a vida na ilusão que lhe deram, quando ainda era tenra, de que lhe bastava ser mulher para ter direito a tudo. Não há direito que não seja um objetivo colocado e pelo qual se luta. A mulher tem lutado mal e pouco pelos seus direitos.

Para que se obtenha, para que seja uma igual ao seu parceiro, tem que começar por alijar a dependência material. Não há nenhuma estratégia de libertação da mulher que não deva começar pelo seu trabalho.

IV. GRANDES PROBLEMAS

1 — Coisificação da mulher

A maioria dos homens está contra a vontade na nossa sociedade por força de sua falta de participação. Ele trabalha, mas não faz parte dos planos de trabalho. Ele desempe-

nha tarefas cujos motivos não lhe são explicados. Ele se comporta segundo padrões de que ele não está convencido, quase sempre, para atender interesses que não são os seus. Ele se divide e se subdivide em várias morais e várias condu-

tas sem conseguir atingir a unidade necessária ao seu pleno desenvolvimento humano. Ele obedece mais do que seria bom para todos. A sociedade de nosso tempo criou a figura deformada "do homem obediente" ou que segue o programa que lhe traçaram mesmo quando a sua consciência protesta, pois foi treinado para isto. Na Universidade de Yale, o Dr. Stanley Milgram fez, sobre o assunto, uma dolorosa experiência. De tal experimento foi colhida a prova de que homens normais e ajustados podiam torturar outros com choques elétricos até o nível do crime se a isso fossem bem induzidos e firmemente comandados.

O homem da nossa sociedade é assim um ser que não participa e que obedece.

O que se dirá da mulher? Esta participa ainda menos e obedece muito mais. Ela está "programada" para não tomar parte nas decisões e para aceitar a sua "coisificação" (25).

Se as lojas são as escolas da mulher, os anúncios são seus livros de estudo. Demonstram verdadeira avidez pela propaganda que lhe dá a ilusão de estar em contato com o que se passa no mundo dos objetos inanimados através dos quais manifestam tantos de seus impulsos (26).

A coisificação da mulher, amparada nos costumes, fortalecida pelas leis, é grandemente favorecida pela sociedade de consumo. Já vimos que **primeiro como menina e depois como adolescente, ela é tratada como coisa:** enfeitam-na, re-

primem sua espontaneidade, **empurram-na para dentro de um molde.**

Quando se faz moça, sua situação ainda se torna mais aguda. É uma época em que, no campo ou na cidade, a família gasta dinheiro com ela, esperando que obtenha um marido.

A situação da operária é um pouco diferente, porque ela é um "produtor".

Mas com a camponesa e a burguesa, ao atingir a mocidade, tudo a família faz para arrebiá-la, a fim de dar-lhe valor na praça dos casamentos. No sertão, compram-lhe uma saia de chita nova. Se os pais podem, colocam-lhe um dente de ouro. Todos esperam ardentemente que ela se case. É uma boca a menos para nutrir. Desejam que constitua a própria família, que vá arrumar em outro local a sua esteira, o seu fogão.

Se ficar solteirona, "titia", como dizem, cabe-lhe um duro destino. Deve cozinhar, lavar, varrer para os irmãos e irmãs casadas. Deve dedicar-se aos sobrinhos. Tornar-se assim uma espécie de empregada sem salário de todo o grupo familiar. Não tem voz ativa para nada.

Na burguesia e na pequena burguesia, a ansiedade ainda é maior. Famílias de posses modestas gastam com cabeleireiros e modistas que não estão ao seu alcance. Frequentam festas e reuniões dispendiosas e cansativas na esperança de "colocar sua mercadoria". No Brasil, já não subsistem os arranjadores de casamento, pessoas respeitá-

veis que aconselham ou orientam famílias desejosas de colocar uma pequena tímida. Mas as próprias mães fazem de boa vontade esse papel. Quem nunca viu matronas elogiando diante de rapazes os predicados de sua filha, tão modesta, tão econômica, que não é "como essas que andam por aí?"

As mães espicaçam as filhas sem parar: "Como tu és sem graça, mexe-te, assim tu vais ficar na peça!"

Tendo a experiência própria de um destino "coisificação", não podem imaginar que a filha saia dele. Fazem-lhe vestidos, maquilam-lhe o rosto e a alardeiam, como se fosse um carro do ano (27).

Como numa cultura primitiva que sacrificam meninas aos deuses tribais, nós sacrificamos as nossas à mística feminina encaminhando-as com crescente eficiência por meio da publicidade sexual, ao papel de consumidoras de utilidades a que se dedica proveitosamente o país (28).

É preciso arranjar um freguês e depressa! A arte de colocar um artigo na praça requer uma técnica. As mães ensinam à filha "os métodos" para arranjar marido. As revistas femininas fazem o mesmo. Não se mostre inteligente, nem autoritária, os homens não gostam disso. Seja meiga, atenciosa, boa ouvinte. Sorria sempre!

Como em todo comércio, a valorização de uma "coisa" implica na desvalorização de outra: por isso é que o convívio entre as mulheres jovens, num salão, é tão venenoso, tão pérfido. Para que os cabelos louros de Luizinha tenham aceitação

é preciso provar que os cabelos negros de Maricota são feios, oleosos, fora da moda. Para aumentar a cotação do bonito busto de Liliana é necessário contar aos rapazes que Alzira tem seios postiços!

A luta é muito dura, pois, exatamente como no mercado estão sendo lançados sempre novos produtos, mocinhas formosas "debutam" todo ano (29).

Jovens, primeiros filhos que se criaram na época da mística feminina, jovens que se utilizaram do sexo como de um fácil consolo ao surgirem os primeiros obstáculos da vida. Porque é tão difícil para eles superpor desconforto, fazer um esforço, adiar um prazer imediatamente em proveito de objetos difíceis. Sexo e casamento prematuro são a mais fáceis saídas (30).

A jovem "coisificação" teme envelhecer no espaço de um ano. Em casa zombam dela: "Vinte e dois anos e nada!" Mais do que ninguém, a jovem casadoura é vítima de falsa necessidade de comprar. A propaganda lhe impinge tudo que a indústria fabrica e o comércio precisa vender. Seu encanto só será irresistível se ela usar o cosmético de tal marca, possuir o mesmo perfume das rainhas de beleza e o mesmo sabonete das estrelas de cinema.

A jovem aspirante ao matrimônio adquire tudo isto na medida de suas posses e às vezes fora delas (fenômeno do bovarismo). Quando a mágica não dá certo, tem insônias, crises de lágrimas.

Teme a solidão, o desprestígio social da solteirona.

Os maiores gênios da humanidade são unânimes em afirmar que a origem de todas as angústias humanas é o sentimento da solidão, de isolamento, de rejeição dos outros seres e do resto do mundo.

A mulher supera apenas tal situação, quando assume pelo trabalho e pelo estudo um destino de criatura que “faz” e “age”. Mas, mesmo assim vêm-se mulheres instruídas e independentes que, pressionadas pela solicitação de mil objetos de luxo e embelezamento que as empresas de propaganda proclamam, são forçadas, nas suas raras horas de descanso, a ir a salões de beleza, costureiros, a compulsar figurinos para ver “o que se usa, o que agrada”.

Têm sempre que pagar o preço do mito de ser “mulher”. E o tempo passado nesse esforço “feminino” lhes gasta o tempo que os homens, seus competidores na profissão ou no estudo, aproveitam tranquilamente para passar-lhes à frente e depois dizerem: “elas se atrasaram, não têm tanto progresso como nós, são mulheres”.

As ocupações com a moda, com a vaidade, o cuidado com roupas e com penteados, tiram boa parte do tempo das mulheres que desejam afirmar-se como ser humano vencendo a condição de vassallos. Mas há outra contingência que tira muito mais: é o “status” de dona de casa do qual as mulheres herdaram uma série de tarefas esgotantes e vazias de que ainda não conseguiram libertar-se em parte alguma do mundo” (31).

O inglês C. Northon Parkinson disse: “A carreira doméstica se expande para **encher o tempo disponível**”.

Mandar, ao menos, nos guardanapos

É falso pensar que esgota suas potencialidades, obrigar metade da raça humana a gastar suas energias unicamente nas funções de governanta, mãe, esposa. É um monstruoso desperdício do Material Humano (32).

“A mulher, dona de casa, limpa o chão, espana os móveis, lava a roupa, à mão ou à máquina, passas, guarda, esfrega panelas e, no dia seguinte a poeira está outra vez no assoalho, a roupa está suja, a panela encascorada. É preciso recomeçar sempre.

Quando se fala em libertá-las de tal escravidão, muitas mulheres repudiam a idéia de lançar fora os grilhões.

É freqüente que se instale nas mulheres atreladas ao “moinho do nada”, que é o trabalho doméstico, uma espécie de masoquismo. Desconfiam das máquinas. Não querem largar a sua escravidão, que é ao mesmo tempo, mísera ditadura; a ditadura sobre objetos inertes que só ela sabe onde deve colocar, como arrumar etc.

Sem mandar em nada, muitas mulheres querem mandar pelo menos, nos guardanapos.

O mais hediondo é perceber que tudo isto que, em parte deriva da situação psicológica da mulher con-

finada dentro das paredes de sua casa seja ela de taipa ou de mármore, é não apenas **utilizado**, mas planejado minuciosamente pela máquina da propaganda e do comércio para manter e **desenvolver** este estado de coisas.

Enquanto a mulher não se libertar pelo menos em grande parte de suas tarefas domésticas, enquanto circular dentro das paredes do lar como o peru no seu círculo de giz, não será um ser autônomo, não será igual ao homem, essa igualdade que ele teme, mas que é a única que lhe pode dar afeição desprendida, companheirismo e solidariedade" (33).

2 — Prostituição

"Vários autores colocam a prostituição como um beco sem saída da sociedade. Ela teria dois apoios. De um lado, a estrutura autoritária e profundamente hipócrita da família criada sobre laços de interesse e não de amor. Do outro lado, a necessidade incontornável de colocar bens de consumo cada vez mais atraentes numa faixa de mercado relativamente pequeno (países subdesenvolvidos) ou artificialmente excitados pela propaganda (Estados Unidos, França, etc.).

Os autores que explicam a prostituição pela constituição autoritária da família, o pai dando ordens e impondo diretrizes, sendo estas de repressão para as filhas e de liberalidade para os filhos, acrescentam que a moral dualista sempre sacrificou um grupo de mulheres à castidade das demais mulheres.

Em suma, para que as donzelas permanecessem castas nos seus lares e as esposas exemplares, seria necessário que um número de mulheres se marginalizasse para servir à sexualidade nunca represada dos homens. As prostitutas seriam, assim, espécies de mártires sacrificadas no altar da integridade da família.

No entanto, o que se verifica é a predominância do problema social sobre o moral.

No Brasil, 80% das prostitutas são originárias do campo. São filhas de sitiantes, de pequenos agregados, de trabalhadores da terra que, por um motivo ou por outro, vieram à cidade grande. Grande número delas se compõe de analfabetas. Não poderiam exercer outra profissão se não a de criadas. Senhoras severas costumam dizer: "São vagabundas porque querem. Podiam ser empregadas em casa de família".

Geralmente tais senhoras não dizem a ninguém como tratam as suas empregadas. Tampouco mostram os quartos em que as criadas vivem, cubículos onde mal podem estender o corpo e em que ficam asfixiadas nas noites de calor. As moças camponesas não têm grandes motivos para preferir a servidão da copa-e-cozinha à servidão do bordel.

Já se disse muito que a severa moral patriarcal é imposta às moças do campo, mas às que "herdam": às filhas ou irmãs dos proprietários.

As que nada têm, as filhas dos lavradores, são iniciadas com facilidade em experiências amorosas (pelos filhos do patrão, por foras-

teiros, pelo capataz, às vezes pelos próprios parentes idosos).

Chegando à cidade grande, incapazes de exercer uma profissão que valha à pena, seduzidas pelas coisas bonitas postas à venda, entregam-se com facilidade “à mais antiga das profissões”.

Muitas se viciam em álcool, em entorpecentes. Cerca de 47% delas têm um homem que as explora. A maioria adquire enfermidade e frequenta os hospitais. Um grande número tem um filho ou filha que procura manter afastados de sua “vida”; muitas trabalham para dar a esse filho um conforto despropositado.

Uma porcentagem bastante alta das meretrizes de cidade grande conhece as prisões. Já receberam o que chamam de “flagrante de vadiagem” e pagaram alguns meses de cadeia.

Sabem que são vítimas da hipocrisia. “O mesmo que me flagrou foi um que era ótimo freguês da casa de madame, dizia-me uma a quem entrevistei no presídio. Ele ficou irritado comigo porque eu estava sem nenhum dinheiro para amaciá-lo. Ele me disse, me admira você, Zuleika, com vinte anos de profissão, andar desprevenida!”

Elas não levam a sério nem a polícia, nem o funcionário, nem o juiz. Conhecem tristemente como na “casa de madame” essas máscaras caem.

No entanto são conservadoras. Respeitam muito as religiões, e quando votam inclinam-se para os

partidos da situação. Zola nos conta que sua famosa meretriz Naná era contra a República. Mas de modo geral não têm o menor interesse pela política.

Alguns estudiosos do assunto avaliam como muito alto o índice de homossexualismo entre as prostitutas. Não é exatamente assim. Observei atentamente várias delas quando presas em companhia exclusivamente feminina.

O que ocorre é que estão postas a serviço do homem mais do que qualquer outra mulher no mundo. Nelas, todas as humilhações femininas estão conjugadas. Estão escravizadas não a um só homem, mas à generalidade dos homens. A mulher, a não ser quando resolve superar a sua condição e afirmar-se como ser humano, é sempre coisificada, mas a prostituta é coisificada ao máximo.

Assim, ela se sente bem na companhia de outras mulheres. Não havendo maus tratos na prisão, descansam como se estivessem em férias. Penteiam-se umas às outras, manicuram-se, trocam receitas de doce. Às vezes ensinam-se umas às outras as canções da moda.

Ocupam-se em ser infantis e riem à toa. Parece que acham a companhia de outras mulheres apaziguadora. Fazem-se confidências de seus amores. Pois têm amores e os inúmeros romances escritos sobre os fervorosos amores das mundanas, que fazem rir as pessoas bem pensantes, realmente existem.

Acompanhei, quando fazia Serviço Social, a longa correspondência

de uma prostituta com seu amante que era um bandido cumprindo pena. Com erros de linguagem, eles se faziam protestos de ternura exaltada digna de Abelardo e Heloísa. Ele a chamava "anjinho", "mãezinha". Havia inúmeros corações desenhados no papel de cartas ordinário. Ela chorava cada vez que lia as cartas. Separava uma parte do dinheiro que ganhava no seu duro ofício, para pagar-lhe um advogado.

Semiprostituição

Além da prostituição oficial, daquela que reduz as mulheres a párias e é defendida por tantos autores como preservadora da família e necessária à estabilidade da sociedade (em Paris, dizia-me um jornalista: "O que eu detesto sobretudo em Fidel Castro é que ele obrigou as rameiras a estudar datilografia"), há em grande escala a semiprostituição.

Esta grassa entre as moças seduzidas por um padrão de vida que os meios de propaganda lhe mostraram como único digno de "sua feminilidade". É praticada por pequenas funcionárias, costureiras, ou moças sem profissão que gostariam de "se vestir bem", de ter perfumes e jóias. Inúmeras comerciárias e secretárias aceitam um "protetor".

As vitrinas, a TV, as revistas femininas fazem sem cessar propaganda de objetos sem os quais a mulher comumente se sente inferiorizada e insegura. Para comprar roupas acima de suas posses, adquirir enfeites e cremes, muitas mulheres têm uma "ajuda".

O fenômeno do "bovarismo" é extremamente comum entre nós. Mulheres da classe média, dispostas a tudo para luxar, surgem cada vez mais freqüentemente. Em 1957, entrevistei uma escriturária do Ministério da Fazenda. Dizia-me essa moça que era bonita e gentil: "Quando vou a uma festa, tenho que me vestir como as mais ricas, as mais elegantes. Se não for assim, prefiro não ir a festa nenhuma. Sinto-me humilhada, não posso dar um passo".

Dois anos depois, aceitava o apoio financeiro de um empresário já velho e com família.

Mas a prostituição disfarçada existe também e intensamente, nos meios ricos. Jovens herdeiras são "colocadas" num casamento ou numa ligação milionária que possam render viagens à Europa, vestidos assinados, salões suntuosos.

O casamento ou a ligação visando dinheiro é, do ponto de vista da moral e da sexualidade, semelhante à prostituição, embora não traga os mesmos riscos.

Muitas vezes as moças pertencentes aos grupos mais abastados não podem escapar de tais situações. Elas também são "coisificadas" ao "extremo" e a situação financeira privilegiada que lhes poderia dar o lazer para que vivessem mais livres e mais felizes que as demais mulheres, impõe-lhes a tirania dos cabeleireiros, modistas, recepções, jogos da moda.

Há lutas silenciosas para que os vestidos de fulana tenham assinaturas de costureiros mais prestigiosos do que os vestidos de sicrana. Bata-

lhas esgotantes são travadas para que a festa de determinada senhora da sociedade suplante a de outra.

Nessa guerra secreta, muitas mulheres, ainda que ricas e consideradas, vão atrás do "lance mais alto". É costume que industriais bem sucedidos percam as suas mulheres para banqueiros mais bem sucedidos do que eles. Ouve-se com frequência dizerem os bisbilhoteiros ou colonistas sociais: "Ela deixou o marido. Está com fulano que vai ser ministro".

Dizia-me há tempos formosa senhora da sociedade: "Quando saí da faculdade, eu tinha vários objetivos. Mas logo meus objetivos se tornaram veleidades. Por pressão do meu meio, comecei a ir ao cabeleireiro três vezes por semana. O meu tempo todo era consumido nas modistas, nos chás, nas recepções. Cheguei a passar um ano sem abrir um livro. O meu marido não se importava com minhas opiniões; só queria que eu fizesse honra à sua fortuna e estivesse tão na moda como o carro do ano. Não posso deixar de pensar que eu me vendi a ele. Sou um objeto dele como a coleção de selos".

A prostituição disfarçada vigora também nos meios artísticos. Há palcos que são verdadeiras ante-salas de bordéis. Nas estações de rádio, de TV, nos estúdios de cinema, há jovens que cavam a sua carreira com o próprio corpo servindo de instrumento.

Muitos diretores e produtores, deixam-se levar mais facilmente por graças patenteadas na alcova do que por talento e dotes artísticos. Conhece-se o caso de várias estrelas que

passaram pelo leito de todos os magnatas de espetáculos.

As revistas, os jornais, todos os meios de divulgação, distribuem o corpo dessas vedetas pelo público. Não lhes permitem vida individual nem plástica escondida. Marilyn Monroe é um caso ainda recente. E entre nós os casos semelhantes, embora não tão trágicos, são comuns.

Vê-se assim que a prostituição está firmemente arraigada na sociedade e embora muitos a defendem como um esgoto destinado a manter a limpeza do edifício, o certo é que é uma chaga terrível.

Só poderá desaparecer quando a cada mulher se der a dignidade de ser pessoa, "sujeito", criatura "fazedora", "criadora". Quando se lhe colocarem objetivos semelhantes aos dos homens. Quando ela obtiver igualdade de condições no trabalho, diante dos meios de cultura, na educação, e na pesquisa. Quando ela mudar de mentalidade, o que só poderá acontecer quando a sociedade inteira mudar de mentalidade.

Não nos parece que seja só questão de igualar as mulheres aos homens nos textos legais. Nem mesmo é questão de assegurar a todas um ofício decente e ampará-las no desempenho das tarefas da maternidade e das tarefas domésticas.

É preciso transformar radicalmente o conceito que entende a mulher como parasita do homem. Como coisa pertencente ao homem que deve vesti-la, alimentá-la, mimá-la em troca de "serviços".

A idéia da mulher de que deve negociar-se, de que alguém deve sustentá-la, que é o principal esteio da prostituição, não lhe foi ditada por seus nervos e glândulas, nem por seu "caráter". É uma idéia que lhe foi imposta pelos costumes e tão longamente sedimentada, que em alguns países socialistas, tendo sido exterminada a prostituição, sobrevivem ainda alguns tipos de prostitutas.

São moças que mantêm a mentalidade antiga e estão prontas a trocar-se por um frasco de perfume francês, por um vestido bonito.

Ainda subsistem nelas ecos das idéias de suas avós: a mulher deve prevalecer-se do seu encanto, o homem deve pagar de alguma maneira o "trabalho" do leito.

Assim a mudança da mentalidade é indispensável. É uma tarefa muito longa, muito penosa, mas sem a qual a mulher não se libertará do conceito que lhe deram de si mesma.

3 — O Problema Psicológico

"O que é ser pessoa do sexo feminino?"

Ter alguns atributos físicos que faltam ao homem e, inversamente, ser privada de outros que são próprios a ele, o que seria causa, segundo Freud, do famoso complexo de castração? De tal maneira que, suprimindo-se neles e nelas os atributos físicos próprios, teríamos dois seres em tudo iguais? Absolutamente não. As descobertas da biologia e da psicologia mostram a complexidade fundamental dos sexos.

"O corpo não é uma coisa, é uma situação", afirma Merleau Ponty.

"Ser do sexo feminino — como ser do sexo masculino — significa uma diferença em todos os níveis do ser — e não apenas nas partes propriamente genitais. O sexo é um caráter profundo, infinitamente complexo, e isto à medida que vamos subindo na escala dos seres" (34).

Simone de Beauvoir no seu livro "O segundo sexo" nos retrata alguns dos mais sérios problemas psicológicos dos nossos tempos. Diz ela:

Sabe-se que a maior parte dos conflitos normais e neuróticos tem sua origem na diferenciação sexual do ser humano, portanto, na relação entre os sexos e na maneira pela qual o homem e a mulher se descobrem e se revelam no mundo no qual se situam.

A diferença que existe entre eles é somente de sua corporeidade e das funções psico-físicas que daí derivam.

Mas, entre o homem e a mulher há toda uma oposição que é socialmente determinada, aprovada, incentivada (propaganda) e educada!

Esta oposição tem duas faces: uma delas, que faz da mulher "musa" divina. A outra, como bem reflete o pensamento de Kant: "a mulher é moralmente inferior porque ela deseja que o homem responda aos seus charmes".

De todas as maneiras, temos — por um lado — barreiras de tabus sexuais que trazem o peso de séculos e, por outro lado, a superestimação que erige o objeto amado num altar de deuses.

Existe, portanto, desde muito tempo a **falta de uma imagem pessoal**. A imagem pública, que desafia a razão e tem pouco a ver com a realidade, teve o poder de modelar excessivamente a vida da mulher.

Segundo a imagem criada — e criada por homens — a mulher é aquela que tem duas funções — **sexual e maternal**. Na primeira entrelaça-se uma gama enorme de sentimentos, muitas vezes antagônicos, confusos, e que se prestou até nossos dias para uma superabundante exploração. Na segunda, encontramos todas as formas de mitização, de enaltecimento. Sentimentos espontâneos, simples, e sentimentos provocados, como por exemplo: o dia das mães e outros tantos similares.

Além de tudo isto há uma auréola de **proteção** que o homem se sente quase que forçado a desenvolver, resultado, entre outros, da concepção de mulher como o **sexo frágil**.

O que é ser mulher, portanto?

Freud tem uma citação interessante: “não se esqueçam que eu não descrevi a mulher senão na medida em que seu ser é determinado por sua função sexual. Esta influência é, certamente muito profunda, mas nós não devemos perder de vista que uma mulher concreta **pode ser além disso, uma pessoa humana**”.

Esta frase é extremamente símbolo de uma imagem atual da mulher. A mulher se restringe, segundo a concepção do nosso mundo, a uma corporeidade apenas. Ela tem suas funções: ser parceira sexual do homem e ser mãe.

A mulher, em geral, não pode ainda saber exatamente quem é porque essas coisas já estão determinadas milenarmente. Ela nasce mulher, quer dizer, portadora destas duas funções e entra num mundo aparelhado para recebê-la, e “educá-la para melhor executar tais funções”.

Um psicólogo dos Estados Unidos — Vasser — chegou a esta conclusão:

“A instrução torna a mulher menos ajustada, porém mais evoluída. A jovem que evolui entra em conflito com os valores e interesses que a educação lhe faculta e o papel convencional de dona de casa, tal jovem é mais sadia do que a jovem calma, ajustada, estável que **não assimilou a cultura (intelectual)** e passa tranqüilamente do papel de filha para o de esposa (psicologicamente no mesmo nível de maturidade e dependência), sem jamais despertar para uma penosa identidade individual”.

Com efeito, a educação orientada para o sexo conduz, no caso da mulher, a uma falta de identidade facilmente resolvida por um casamento prematuro. E um compromisso prematuro em qualquer função — casamento ou vocação — impede as experiências, as tentativas, os fracassos e os êxitos em diversas esferas de atividade, tão necessários para que a pessoa alcance a sua plena maturidade e identidade.

Andras Angyal, psiquiatra, descreve a “evasão neurótica do crescimento”. Há dois métodos chaves para fugir ao processo evolutivo. Um deles é o “não envolvimento”, a pessoa vive sua vida: estudos, car-

reira, casamento, sem se empenhar totalmente em nada do que faz, com a vaga impressão de quem representa um papel. Aparentemente vive uma vida normal, mas, na verdade está apenas representando.

O outro método foi por ele chamado de “viver por intermédio”. Consiste na negação sistemática e na repressão da própria personalidade e na tentativa de substituí-la por outra, numa “concepção idealizada, um padrão de absoluta bondade, pelo qual a pessoa procura pautar-se, suprimindo todos os seus impulsos genuínos incompatíveis com esse padrão exagerado e pouco realístico” ou, simplesmente, assumindo a personalidade que é o clichê popular da época. A mais freqüente manipulação dessa vida falsa é a dependência de outra pessoa, muitas vezes confundida com amor. E a repressão de impulsos genuínos e espontâneos deixa na pessoa a sensação de vácuo emotivo, quase de não existência.

É mais fácil, por isso, viver por intermédio de outras pessoas do que evoluir totalmente. A liberdade para planejar a própria vida é assustadora quando enfrentada pela primeira vez”.

V. CONCLUSÃO

No Brasil apenas 20% (IBGE) das mulheres trabalham e destes 20%, 80% são camponesas!

“Âmago do problema feminino: **Falta de uma imagem pessoal.** A imagem pública, que desafia a razão e tem pouco a ver com a reali-

dade teve o poder de modelar excessivamente a vida da mulher.”

“Existe um problema de “modelo padrão” segundo o qual se criam e se desenvolvem as aspirações. Como o “modelo” padrão de **ser livre** é o homem, é compreensível que a maioria das mulheres deseje galgar os mesmos degraus que formam o status e determinam a sua liberdade. Não que queira ser homem, mas porque quer ser humana”.

“A educação orientada para o sexo conduz a mulher a uma falta de identidade, facilmente resolvida por um casamento prematuro. E um compromisso prematuro, em qualquer função — casamento ou vocação — impede as experiências, as tentativas, os fracassos e os êxitos em diversas esferas de atividade, tão necessários para que a pessoa alcance a sua plena maturidade e identidade”.

“**Neurose:** é o que destrói a capacidade de realização, o termo significativo situa-se no futuro. Não basta a um indivíduo ser amado e aceito pelos outros, nem adaptar-se à sua cultura. Precisa ainda levar a sério sua existência comprometendo-se com o presente e o futuro; caso não se realize totalmente desperdiça a vida”.

“Entre o homem e a mulher existe um relacionamento que se caracteriza por uma falta de consciência que se crê cada uma como essencial. Ela é reconhecimento de liberdades que se confirmam, uma ou outra — ela é passagem indefinida da intimidade à cumplicidade.

“O homem é aquilo que ele faz”. Existe uma visão da mulher que Simone de Beauvoir definiu como: “A mulher se diferencia do homem somente por sua corporeidade e pelas funções (psico-físicas) que daí derivam: ser parceira sexual do homem e ser mãe”.

Existe um problema de **cisão ontológica** que inconscientemente parte desta mesma constatação de Simone de Beauvoir e de Freud.

O homem e o mundo vêem a mulher dentro deste mecanismo de corporeidade **funcional**. Todo o relacionamento que existe para eles e a mulher, parte deste primeiro conceito e engendram-se a partir desta instância base. Em outras palavras, a **linguagem** usada entre o mundo e o homem para com a mulher é (baseada e programada) de utilidade.

Esta imagem pode ser consciente ou inconscientemente aceita ou rejeitada. Em outros termos, a inter-relação entre homem e mulher dentro desta visão tem duas saídas clássicas:

ATRAÇÃO. Na atração se passa o seguinte: Tal esquema aceito, querido e buscado como finalidade, mais ou menos, explícita. Aqui se desenvolvem as mais variadas formas de aproximação da mulher: Supervalorização, exaltação, preocupação, mistificação, divulgação-propaganda, vulgarização, massificação, escravidão, exploração, manipulação.

REJEIÇÃO. A rejeição é o processo de negação, ou por não aceitação consciente, ou na forma de fuga, temor, medo, etc. Afastamento-fuga, des-sexualismo, angelismo,

substituição, sublimação, desvalorização, mistificação, crítica, divulgação-propaganda, massificação, etc.

POSSE. O bem querido para mim. Muitas vezes a posse é capitalização e escravização.

Analisando os dois esquemas vemos uma incrível coincidência. A **ATRAÇÃO** pode chegar à capitalização e à escravização por **aproximação**; o mesmo acontece com a **REJEIÇÃO**. No fundo muitas das formas de rejeição, de desvalorização, que se percebem nos teóricos da antiguidade até nossos dias e também as teorias religiosas é um esquema de rejeição baseado na **aceitação** e **concordância** dos princípios teóricos explícitos ou implícitos; em outra linguagem, nos princípios consciente ou inconscientemente aceitos.

No fundo, até hoje se observam estas duas características no relacionamento entre homem e mulher e entre mundo e a mulher. A mulher é, para todos os efeitos um objeto libidinoso envolvido de prazer. Ora, tanto a atração como a rejeição se processam diante de **tal objeto, com tais características**.

Este aspecto aparece inclusive no sistema familiar. O pai quando prende a **filha mulher** o que teme? Teme não tanto a sua participação no desenvolvimento do mundo, da técnica, da cultura, do conhecimento, da expressão artística. Mas, que será mesmo que teme? Claro está que se a mulher é um objeto libidinoso carregado de prazer, o homem é também o mesmo objeto para a mulher. O temor do pai localiza-se na **inter-**

relação de homens e mulheres, ou no que daí pode surgir. Ora, a que esquema pertence tal temor? Por que não teme também a qualidade de desenvolvimento dado pelo mundo, etc.?

Analisemos um pouco mais o fenômeno da **atração**.

O que é atrair? **ATRAÇÃO?** Da atração está bem próxima a **posse**.

O que é possuir? **Ter para mim**. A posse é um termômetro "individualista". Possuir é **ter para mim**, é reservar, excluir — não apenas o objeto em si — mas as funções de tal objeto. No caso da mulher, a posse além de ser **capitalização** é também **escravidão**, uma exclusão.

Vejamos como se apresenta a propaganda. Que conteúdo apresenta? Que imagem de mulher é colocada? A que se destina? Que mentalidade vai-se criando?

Segundo livro de Betty Friedan, a propaganda toda na América está destinada a prender a mulher em **sua casa**, para os seus filhos e seu marido. Ela é, como todos sabem, a **"rainha do lar"**. Que reino é este? Como todo poder de nosso século, **um reinado fantoche**, manipulado por outros que ficam por traz dos bastidores provendo a economia do tal reino.

A mistificação em tal processo é **vital** para a manutenção de tal sistema de coisas. É preciso criar um **culto** envolvente, inventar comodidades internas espetaculares para que o prisioneiro **não tenha** vontade de sair da gaiola dourada.

Numa pesquisa de "serviços prestados", percebe-se num relance a

quantidade infindável, quase que um exército de homens, mulheres, máquinas, forças, vidas, etc. que se dedicam exclusivamente a **cultuar** a **mulher** para que ela não fuja da gaiola.

Reparemos só nas indústrias de cosméticos, de "utilidades domésticas", de lingerie. Passemos nos supermercados, para perceber a tentação dos enlatados e das mil e uma invenções para "facilitar" a compra de inutilidades.

Esse esquema de atração, basicamente se firma sobre uma estrutura de injustiça ou de "assassinato", de abuso. É uma máquina de atividades desnecessárias para o crescimento da felicidade e justiça na terra.

O que é a prostituição dentro deste esquema?

A rejeição parte de uma **aceitação dos princípios teóricos**. É o que percebemos nestes teóricos que colocamos no capítulo segundo e que marcaram época. No fundo o que afirmavam? O que criticavam? O **temor** do objeto amado ou querido é muito claro.

O resultado deste esquema de rejeição é facilmente perceptível na moral familiar sobretudo. Muito contribuiu para firmar esta posição a mentalidade religiosa e os cânones moralistas da Igreja.

A terceira alternativa é a antítese. Ela elabora uma saída diferente que parte de outra colocação teórica.

A idéia da libertação feminina não se obtém pelo simples fato de dar-lhe igualdade jurídica, econômica, sem mais. É a profunda trans-

formação da mulher ela mesma, do julgamento que ela tem sobre si mesma e sobre o grupo, é toda uma reavaliação dos valores atribuídos às relações que a mulher entretém com a Sociedade, com a família, com os homens, com a sua função de mãe, de esposa bem como de operária (trabalhadora).

Ninguém ignora que existam diferenças entre sexos no mundo criado. Elas estão na base da experiência vivida dos seres. Nós nos portamos no mundo como sexuados. A questão importante não está na sexualidade em si, mas sim no comportamento destes seres no mundo em que vivemos.

Aproximação com o mundo dos religiosos

É aqui que esta mentalidade aparece mais claramente, multiplicando paradoxos e mesclando justificativas com racionalizações "piedosas".

O esquema de atração e rejeição alimentado com a influência freudiana e de toda psicologia analítica posterior foram altamente absorvidos na mentalidade clerical e nas ordens religiosas até os nossos dias.

É preciso esclarecer que esta afirmação não é **universal**. Existe um movimento de **libertação** dentro da Igreja e das ordens religiosas que não se caracteriza por "**reformas**" mais ou menos exteriores ou acidentais, mas que entra nas categorias de antítese não só pela denúncia do antigo sistema de exploração e opressão, mas na preconização de uma nova ordem de valores.

Mas, voltando a análise é bom verificarmos quais são os resultados deste esquema. Até onde foi a "rejeição"? Até onde esta rejeição não significa até hoje **aceitação** verdadeira de uma mentalidade que é partidária da visão **utilitarista** do sexo feminino como **objeto** de prazer ou lazer genital?

Qual a razão de uma quase dessexualidade (para não usar o termo castração, que pode ser mal interpretado) que até hoje é percebido nos conventos e seminários?

Corramos a vista pela nossa memória e busquemos exemplos, tais como: O modelo de comportamento exterior dado para os religiosos. A maneira de trajar-se. Os conselhos a respeito da modéstia religiosa.

Todos estes são nossos conhecidos. Agora entremos um pouquinho mais num outro aspecto: **A POSSE**. Quando nos referimos à posse anteriormente, falávamos na mulher como pertence do homem que por sua vez a converte em "prisioneira" de **sua casa, seus filhos, suas necessidades, a rainha do seu lar**. Será que isto não se repete no "reino" dos conventos e das casas religiosas? Elas também não se tornaram prisioneiras de seus próprios bens? Senhores de seus próprios reinos lutando pela sua sobrevivência? O que se disse no começo deste capítulo sobre o casamento prematuro também não se aplica no caso das religiosas?

A mulher que sai da tutela familiar passa sem nenhuma transição para outra tutela tanto ou mais protetora e envolvente.

Que imagem de **mundo** e de responsabilidade na sua construção tem uma jovem que sai da sua casa com 18, 20 anos (ou antes, aqui o escândalo é menor) tendo vivido apenas a experiência **filial** dentro de um quadro protetor, infantilizante, alienante, tanto de família quanto da própria vida escolar? Pensemos nesta jovem dentro de um convento, onde os muros são maiores, e a divisão dos trabalhos determina e subdivide a consciência de responsabilidade. É a mesma coisa que acontece nos EUA e foi motivo de crítica de Betty Friedan no seu livro "A mística feminina".

Pergunto: O problema fundamental deste **quadro patológico** é a sexualidade, são as diferenças sexuais advindas da natureza, ou reside num outro lugar?

Critica-se muito os burgueses que ficam cuidando dos seus próprios interesses, administrando sua riqueza, enquanto outros morrem de fome. Pagando um salário mínimo — salário de "morte a prestação" — enquanto acumulam \$\$\$... nos bancos nacionais e estrangeiros, etc.

Como se passa isto na vida religiosa? Não podemos fazer a nós mesmas estas críticas? Não somos nós uma **milícia** de seres humanos que cuidam de suas casas, que tem seu capital, enquanto outros morrem? Que temos nosso futuro garantido por muitos anos, enquanto outros não tem o **hoje** e que vão morrer **antes** porque nós temos o muito **depois**?

O que tem tudo isto a ver com o tema? Pode parecer estranho, mas o traço mais significativo do adulto psicologicamente falando é a **ampliação** de sua existência. A saída do Ego para o **Sócio**, do meu para o nosso. E, segundo Jesus Cristo a seriedade do problema torna-se apelo à conversão.

"Aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á".

"Ai de ti porque tive fome e não me deste de comer".

"Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem".

"Tive sede e não me deste de beber".

"Estive nu e não me vestiste".

NOTAS

E. STUDART, HELONEIDA, **A mulher brinquedo do homem?** Vozes, 1969. 2. ARNOLD, F. XAVIER, **A mulher na Igreja**, Ed. da União Gráfica, Lisboa, 1957. 3. Obra citada, nota 1. 4. Obra citada, nota 2. 5. MORTON, **Rumos da Educação Feminina**, artigo em *Diálogo*, n.º IV, Vol. III. 6. Obra citada, nota 1. 7. MURARO, R. M., **A Mulher na construção do mundo futuro**, Vozes, 1967. 8. Obra citada, nota 1. 9. THOMÉ YOLAN-

DA B., **A mulher no mundo de hoje**, Vozes, 1967. 10. Obra citada, nota 1. 11. Obra citada, nota 9. 12. Obra citada, nota 2. 13. Obra citada, nota 1. 14. Obra citada, nota 9. 15. Obra citada, nota 2. 16. Obra citada, nota 2. 17. Obra citada, nota 9. 18. Obra citada, nota 9. 19. Obra citada, nota 7. 20. BUYTENDIJK, F. J. J., **La femme, ses modes d'être, de paraître, d'exister**, Desclée de Brouwer, Paris, 1967. 21. Obra citada, nota 20. 22. Obra citada, nota 20. 23. BROYLIE, CLAUDIE, **La moitié du ciel**, Denoel-Gonthier, Paris, 1973. 24. Obra citada, nota 5. 25. Obra citada, nota 1. 26. FRIEDAN, BETTY, **Mística Feminina**, Vozes, 1971. 27. Obra citada, nota 1. 28. Obra

citada, nota 26. 29. Obra citada, nota 1. 30. Obra citada, nota 26. 31. Obra citada, nota 1. 32. Obra citada, nota 9. 33. Obra citada, nota 1. 34. Obra citada, nota 9.

Outras fontes: MEAD, MARGARET, **Além do lar**, artigo em *Diálogo*, n.º IV, vol. III. INPS, **Participação da mulher no mercado de trabalho**. DEVAUX, ANDRÉ A., **Teilhard e a vocação da mulher**, Vozes, 1967. TRILLING, DIANA, **Cultura, biologia e funções sexuais**, artigo em *Diálogo*, n.º IV, volume II. BOLETIN DOCUMENTAL, Cidal, **La mujer**, Vol. XI. CONVERGÊNCIA, janeiro 1974. DOSSIÊ DA CRB, Estudo das Regionais.

SÉTIMO ENCONTRO DE FORMADORES (conclusões) De 6 a 15 março 74

1. PROBLEMÁTICA VOCACIONAL

1.1 Introdução

Constatações: maior proveniência dos candidatos: meio rural. Sexo feminino: menor cultura, menos idade e maior experiência profissional. Interrogações: Pouco interesse pela escassez de vocações. Candidatos: Sem cultura e muito jovens? Sem experiência de vida? Em idade madura e sem cultura? Sugestões: Maior conhecimento dos documentos relativos à formação, vindos: da Igreja, da Congregação e da CRB.

Programação e etapas condizentes com: ♦ As exigências pessoais de cada Comunidade. ♦ Com as necessidades pastorais da Igreja Local e da Congregação.

1.2. Exigências quanto ao candidato

O trabalho pelas vocações tem, como objetivo geral, levar cada homem a assumir a sua vocação. Isto implica, três dimensões: Suscitar, acompanhar, selecionar operários para o Reino de Deus.

O trabalho de suscitar vocações dirige-se a todos, através de todos os meios de pastoral vocacional apresentados hoje. Não os repetiremos aqui, porque são suficientemente conhecidos e, em geral, bem válidos.

Entre os que se sentem chamados à Vida Religiosa e se apresentam para nela serem admitidos, faz-se necessário um trabalho de seleção e orientação, uma vez que deve haver, no candidato, certa maturidade básica e, sobretudo, é absolutamente necessário que tenha suficiente conhecimento e experiência da realidade de hoje.

Isto exige: ♦ que os candidatos não sejam simples continuadores de uma tradição e cultura, que está desaparecendo. ♦ Que tenham idade suficiente para ter uma visão crítica da realidade de hoje (no mínimo 18 anos). ♦ Que tenham certa experiência de vida, ou seja: que tenham uma base escolar suficiente (pelo menos 1.º grau completo); alguma habilitação profissional; alguma experiência pastoral, de preferência em linha renovadora.

1.3. Exigências

♦ Quanto à Congregação. Este trabalho exige da Congregação, a fim de ir ao encontro pessoal do candidato:

Que tenha agentes de pastoral vocacional.

Que saibam que a missão de todas as Congregações é a missão de Cristo e, por isso, da Igreja, e que, portanto, o primeiro interesse na promoção das vocações não seja em prol da continuação das próprias obras.

Que a imagem, apresentada pelas Congregações da vida religiosa corresponda às exigências de um novo tempo e às expectativas da juventude.

◆ **Quanto à missão,** auscultar os apelos da Igreja Universal, e, sobretudo local, hoje. Isto exige: coragem de abandonar gradativamente as obras obsoletas; coragem de **renovar** as obras válidas e dentro das novas exigências da Igreja (local) e da sociedade em mudança de uma sociedade rural para uma sociedade urbana; coragem também de assumir novas tarefas missionárias, respeitando o carisma de cada um, que sempre, por isso deve ser revisionado e aprofundado.

◆ **Quanto à vida religiosa,** auscultar as expectativas de uma nova geração que queremos atrair. Isto exige coragem de abandonar estruturas obsoletas, sobretudo as que são exclusivamente produtos de uma cultura rural (por exemplo, ao horário, clausura, separação do mundo, uniformidade exagerada, modo de vestir, linguagem, formas autoritárias, pietismo, etc.); coragem de renovar continuamente as formas válidas (por exemplo oração, vida comunitária, modos de vida, etc.); coragem também de procurar

novas formas de vida, fazendo experiências novas bem preparadas, assumindo nelas o risco de fracasso. Uma das formas estará, certamente em linha de fraternidades menores que possibilitarão uma maior inserção na Igreja local.

1.4. Questionamentos

Estas colocações nos trazem alguns questionamentos sobre o lugar preferido da pastoral vocacional. Se a nova sociedade que se anuncia, for de cultura urbana, será necessário:

Procurar candidatos nas cidades, onde predomina a cultura urbana; conduzir os candidatos rurais de tal modo que cheguem, gradativamente à visão e vivência dessa nova cultura, enquanto possível; dar maior tempo de preparação aos candidatos do ambiente rural, dentro do que foi exposto; evitar inversão no processamento de preparação à formação (e da própria formação) levando de vez candidatos da zona urbana para ambiente rural para ambiente de cidades grandes.

Que fazer com aqueles que querem entrar na vida religiosa mas que não podem por estarem longe de corresponder às exigências? Não correr o risco de aceitar candidatos, que, de fato, não estejam preparados. Quando há esperança de conseguir o mínimo necessário para a entrada na vida religiosa, sugerimos: casas de pré-formação para candidatos da zona rural, que já têm mais de 18 anos e que não são de ambiente paupérrimo (infra-humano) até que estejam em condições

de objetar e assumir a Vida Religiosa; encontros regulares, no meio ambiente; não retirar os candidatos do meio ambiente antes da idade de 18 anos, mas fornecer-lhes possibilidades de formação no ambiente próprio.

2. O R A Ç Ã O

Introdução

O homem de todos os tempos encontra o sentido pleno de sua existência na dimensão do transcendente. O homem do nosso século inserido numa civilização técnica, sente profundamente, a necessidade de reflexão, busca sincera e discernimento para o encontro do Absoluto.

2.1. Oração — atitude

O ato fundamental da oração é o amar a Deus e saber que Ele nos ama. Rezar é amar ao próximo, sabendo-se amado por Deus, que ama todos como filhos. Os jovens de hoje descobrem o Senhor principalmente nos seus irmãos. Amar é fazer o que Deus manda. O amor de Deus tem grandes exigências de amor ao próximo. Várias passagens da Escritura no-lo confirmam. Exemplos: Mt 25, 31-47; Jo 3, 11; 3.16.

Se alguém faz o bem ao seu próximo e o ama é amado por Deus, levando a união com Ele e o encontra em seu íntimo. A oração será portanto, o buscar e o saborear a presença em nós desse Deus que tanto nos ama e quer sejamos um com todos os homens em seu amor.

Oração atitude de fé. O homem que faz esta experiência do amor de Deus tem paz e serenidade e sabe dizer SIM à vontade de Deus, com sua atitude de fé, mesmo nos acontecimentos mais adversos.

A formação para a oração-atitude consiste em levar o jovem a descobrir que é amado por Deus.

2.2. Oração: tempo forte

Tempo forte de oração é aquele que a pessoa se dedica mais profundamente ao diálogo com Deus.

Por que? Quando duas pessoas se amam, sentem necessidade de se encontrarem numa comunhão mais profunda de vida. Se não dedicamos um tempo maior para Deus sua presença vai se eclipsando em nossa vida. O homem, reconhecendo a pobreza de seu ser sente necessidade de buscar o valor supremo. Como Cristo enviado do Pai ao mundo, retirava-se frequentemente para dialogar com o Pai, assim o religioso, enviado ao mundo precisa encontrar tempo para dialogar com Deus.

Que Fazer? Criar condições para um clima de oração. Tomar consciência de que é Deus quem tem a iniciativa do comunicar-se conosco. Despojar-se de si, reconhecendo-se pobre diante de Deus. Deixar-se conduzir pelo Espírito: atitude de escuta. Deixar-se questionar pela presença de Deus encarnado no Cristo, à luz do Evangelho.

Quando? A organização dos tempos fortes de oração, individuais ou comunitários deve ajudar o formando a criar o seu próprio

ritmo de oração, atendendo aos apelos de Deus, às urgências pessoais e comunitárias e ao Espírito da própria Congregação.

2.3. Como orientar o educando para a oração

A vida comunitária se alimenta de uma autêntica vida de oração pessoal. Por sua vez a oração pessoal se aprofunda na oração comunitária.

Oração pessoal. Pelo testemunho de "religiosos orantes" com os quais o educando convive. Pela oportunização de tempos de oração pessoal para os quais o educando vai se estimulando. Proporcionando oportunidades para conhecimento e aprofundamento do exercício da vida de oração. Pela partilha fraterna das experiências de vida de oração. Pela auscultação das manifestações do Espírito na Vida do formando. Conscientizando-se de que Deus é presente e fala no silêncio interior dos acontecimentos, da natureza, de si mesmo, através dos irmãos e de nossa pobreza diante de Deus. Assim o formando fará de sua vida uma oração, evitando a dicotomia, vida/oração.

Oração comunitária. Despertar para a percepção de que o amor ao próximo é sinal do amor de Deus, para conosco e fonte alimentadora da oração pessoal e comunitária. Despertar para a compreensão de que a iniciação para a vida de oração obedece a etapas que são vencidas de dentro para fora dependendo do crescimento de cada um. Despertar para a formação de grupos de vivência comunitária. Des-

pertar para a vida litúrgico-eucarística e por outras práticas. Despertar pelos meios indicados para a vida de oração pessoal em nível comunitário.

3. ESPÍRITO CRÍTICO

3.1. Conceituação

Crítica é a capacidade que o homem possui de distinguir o verdadeiro do falso, o essencial do acessório. Também poderia chamar-se discernimento. Espírito crítico é, então, a **atitude** do homem que, como consequência da sua maturidade intelectual, afetiva e da vontade, está em contínua busca da verdade, no questionamento de si mesmo e do mundo que o rodeia, e na proposição de soluções concretas.

3.2. Distinção

A atitude crítica ou espírito crítico, distingue-se de expressões e atitudes em que existe um questionamento, mas, por possível imaturidade intelectual, o homem não é capaz de distinguir o verdadeiro do falso, ou por possível imaturidade afetiva, ele estaria partindo de uma angústia bloqueadora, ou não estaria realmente buscando a verdade, e, sim apenas procurando caminhos de fuga de si mesmo mascarando a realidade própria.

A Pessoa. O homem atinge a dimensão de pessoa ao assumir o ser-com-os-outros-no-mundo-aqui-e-agora. Exige, por isso, a capacidade de decisão, e para não ser massificado.

Comunidade. A vida em comunidade é a que leva o homem à sua maior realização. É o grupo humano cujo liame e programa é fazer cada membro plenamente pessoa. Constitui-se, pois, verdadeira comunidade quando as pessoas são livres e livremente escolhem viver a comunidade.

Sociedade. A sociedade atual aceita que o ideal social do homem é a democracia. Esta supõe a democratização das idéias e pensamentos, da ciência e da técnica. Para não ser manobrado pelas idéias, propaganda e publicidade, o homem tem aguda necessidade de espírito crítico.

O mundo. O mundo atual é pluralista e está em contínua mutação. Não existe escala de valores estável. Só com espírito crítico o homem poderá, utilizar instrumentos hábeis e eficazes para o crescimento do homem como homem.

3.3. Razões teológico-pastorais

Vocação criatural. Como o homem é criatura de Deus, deve atingir a plenitude humana no exercício da sua liberdade. Consequentemente deve ter atitude de buscar a verdade que progressivamente deve ser por ele descoberta.

Vocação cristã. O homem tem vocações de viver como filho de Deus, a vocação à santidade, à identificação com Jesus, a viver as virtudes teológicas que são dom de Deus e também resposta livre do homem. A fé é a adesão pessoal ao mistério de Deus. A esperança é entrega confiante que parte da visão crítica da limitação humana e do reconhecimento do poder sal-

vífico de Deus. O amor, o querer, o bem, exigem que o homem saiba discernir o bem, que possa encontrar o essencial. O cristão deve ser homem profundamente consciente, a consciência moral é norma suprema do agir (Trento e Vaticano II), e só com espírito crítico se pode formar a consciência. Ele deve, a exemplo de Jesus, sentir-se livre e capaz de questionar os homens e as instituições.

A vocação religiosa. A vida religiosa, sendo sinal presente do Reino de Deus, atualização da salvação e questionamento do homem a respeito dele mesmo e de Cristo, exige profundo espírito crítico. A consagração radical a Cristo, é questionamento da falta de comprometimento do homem. A pobreza é questionamento aos falsos valores, aos ídolos que o homem se constrói; a castidade é sinal da possibilidade do amor oblato; a obediência é sinal da busca ativa e encontro da vontade de Deus na vida fraterna. Frente ao mundo, o religioso é sal da terra e luz do mundo, transparência do Cristo, o que supõe espírito crítico para não empanar o Cristo com a opacidade dos preconceitos e ideologias humanas.

3.4. Educação para o espírito crítico

Educação intelectual. Iniciar o educando e alimentá-lo ao longo do processo educacional, para que possa discernir o verdadeiro do falso, etc., baseando-se na premissa de que o essencial é a busca do que for melhor, da verdade sempre mais clara.

Nesta busca: a causa que motiva o trabalho tem primazia sobre a pessoa que busca; a pessoa do outro tem primazia sobre a própria pessoa; a pessoa tem primazia sobre a lei e as instituições (que estão a serviço da pessoa); o evangélico tem primazia sobre o puramente eclesiástico.

O formando deve ser educado para a leitura e os meios de comunicação social, e progressivamente ter acesso à literatura específica que o ajude na formação da consciência crítica.

Educação vivencial. Processo e métodos, entre outros, aplicáveis segundo a necessidade dos educandos, numa opção clara e atitude segura de educação, centrada no educando: inserção na realidade e reflexão a partir dela; facilidade e oportunidade de escolha e decisão; método de "ver, julgar e agir" exercício da liberdade, da responsabilidade e corresponsabilidade e da subsidiariedade; processo de "reflexão-ação em oração e diálogo" (discernimento dos espíritos); grupos de reflexão e entre-ajuda; revisão de vida: acontecimentos, atitudes, situações existenciais, acolhida fraterna; libertação de condicionamentos que dificultem a objetividade; dinâmica de grupo com supervisão de psicólogos; psicoterapia.

Espírito Crítico x comunidade e obediência. A Comunidade não nasce feita. Ela é conquista diária, uma realidade a ser construída permanentemente, pela doação ao serviço dos outros. O espírito crítico, compreendido como aqui apresentado, não se opõe nem destrói a

comunidade, antes é instrumento da construção da vida comunitária autêntica.

Face à obediência, entendida como busca ativa em comum da vontade de DEUS, o espírito crítico é fator indispensável para se escolherem nas situações concretas os caminhos mais eficazes de busca e acolhida da vontade de Deus. Cada um não é auto-suficiente, mas procura discernir em si mesmo os apelos divinos, ouvindo as opiniões dos demais membros da comunidade, no sentido de verdadeiro diálogo, de modo que não se abrem caminhos a extremismos destruidores, antes se busca, maior fidelidade a Deus cuja Palavra se vai descobrindo na fraternidade.

N.B. A presente reflexão, no sentido de educação para a missão, deseja destacar o papel das realidades terrestres.

4. MISSÃO

4.1. Implicações da Missão

"A Igreja peregrina é por sua natureza missionária..." Enviada por Deus às nações para ser o sacramento universal da salvação esforça-se a Igreja por anunciar o Evangelho a todos os homens (AG 1). Quem envia é Deus. Cristo é o enviado do Pai, que se prolonga na Igreja, povo de Deus, portanto, toda missão implica a integração na Igreja. Todo cristão é enviado e como Cristo deve ser fiel a Deus, que o envia e à Realidade para a qual é enviada.

Fidelidade a Deus. Convicção de ser enviado, isso implica em escuta

ao Espírito pela oração-reflexão-conversão; fidelidade à mensagem de Cristo, primeiro enviado; atenção aos sinais dos tempos; alimentar-se pela Palavra de Deus. "Ser" missionário e não "fazer" missão; ser testemunha viva pela coerência de vida; despojamento, não indo como quem vai dar, como quem sabe, mas como presença; levar os homens à comunhão entre si, em Deus.

Fidelidade à realidade. Descobrir as sementes do Verbo, já existentes na realidade: pontos de abertura; pontos de deformação; escutar os apelos da pessoa; respeitar as culturas com suas peculiaridades. Encarnação nas realidades vivencial e estrutural, encarnação de compromisso que assume e transforma pelos valores evangélicos. Levar os irmãos a assumirem sua história e libertação nas dimensões da fé e serviço. Centrada no Cristo e nos apelos de Cristo. Sensível à humanidade sofredora e menos favorecida. Desvinculada de privilégios.

Como conduzir o educando à Missão. Se a Igreja prolonga o Cristo enviado, toda introdução do formando à missão deve levar em conta: a integração nos planos eclesiais, respeitando os carismas de cada Congregação.

4.2. Preparação teórica

Informação do acima explicitado; orientação vocacional e profissional; capacitação profissional (segurança); cursos e treinamentos sobre a realidade em que o educando vive e para a qual se prepara; explorar criticamente os meios de comunica-

ção social (conhecer o mundo em que vive); sólida preparação teológico-pastoral; educação gradativa para a escuta do espírito e auscultação da realidade; despertar as formandas para a missão da mulher (religiosa) no mundo moderno.

"É na realidade que o profeta descobre, alimenta a própria vocação". Isto implica: introdução oportuna no campo da missão: dimensão eclesial, diocesana e comunitária, após prévio planejamento educandos e educadores; avaliação-reflexão-replanejamento da experiência pelos educandos; inserção direta — sistemática ou periódica — dos formandos na missão; o critério da escolha no campo da missão visa prioritariamente a necessidade eclesial, atendendo também às aptidões pessoais do formando; conhecimento da linguagem, do ambiente, da atuação; a equipe de formação, além do testemunho, opera no acompanhamento atualizado nos setores intelectual e espiritual.

B. EQUIPE DE FORMAÇÃO

1. Necessidade

Levando em conta a complexidade do mundo atual, mister se faz a especialização de elementos nos diversos setores da formação. A diversidade dos formandos exige a presença de elementos distintos que respondem às suas necessidades.

2. Objetivos da equipe provincial

Coordenar unificando os esforços dos formadores. Conscientizar e auxiliar as comunidades formadoras

na sua parcela de responsabilidade junto aos formandos.

Objetivo da equipe local: Acolher o formando junto à comunidade em que se encontra, numa autêntica vivência do Mandato Novo, proporcionando-lhe condições e meios para crescer: como pessoa, como cristão, como carismático.

3. Elementos que compõem a equipe

Pessoas de profunda vivência religiosa e apostólica que testemunham coerência: teoria e vida; competentes em diversos setores, capazes de relacionar-se em profundidade e trabalhar de maneira harmônica e integrada.

3.2. Qualidades

◆ Capacidade de amar, escutar, acolher, respeitar, dialogar, ser presença, confiar, embora correndo o risco.

◆ Fé profunda assumida numa radical pobreza interior que permite confiar mais na ação do Espírito Santo, que em sua própria capacidade.

◆ Inserção na realidade da Igreja e do mundo contemporâneo que permita uma ação eficaz e incarnada.

◆ Competência no Setor específico de sua responsabilidade dentro da equipe: teológico-pastoral e congregacional, psicológico e social.

◆ Capacidade de se deixar assessorar, consciente de que a equipe não esgota as necessidades dos formandos.

◆ Abertura e encaminhamento para o que existe de realizações inter-congregacionais, diocesanas e outras.

4. Dinâmica de funcionamento

Periodicamente encontro para com os formandos, planejar, dinamizar, revisar (feedback).

Embora haja um responsável direto pelos formandos, a equipe terá a possibilidade de dar-lhe um atendimento individual e grupal.

Para equipes locais: conscientizar e auxiliar as comunidades formadoras na sua parcela de responsabilidade junto aos formandos.

Os membros da equipe devem ser suficientemente liberados para exercer com eficiência a sua missão.

O relacionamento com o governo congregacional deve ser constante por parte da equipe.

C. A COMUNIDADE FORMADORA

1. Razão de ser

Num mundo secular e pluralista, todo o homem, especialmente o jovem, sente a necessidade de encontrar a própria identidade, unir-se a um grupo, e dele participar ativamente.

Os jovens que buscam hoje a Vida Religiosa trazem consigo um desejo ardente e muito vivo de encontrar verdadeiramente comunidades com que possam comprometer-se a viver a fraternidade evangélica num clima de comunhão e serviço.

A comunidade religiosa (local, provincial, congregacional e eclesial) é chamada a ser formadora. Constitui, auxiliada por outros agentes, o ambiente onde se realiza a formação, numa linha de ajuda mútua, abertura e crescimento em Cristo de acordo com o carisma funcional. Isto porque:

- ◆ Responde melhor às necessidades psicológicas, espirituais e apostólicas dos formandos.

- ◆ Favorece uma experiência real da situação em que vivem nas demais etapas da formação.

- ◆ Ajuda a descoberta e o desabrochar dos próprios dons colocando-os a serviço.

- ◆ Possibilita riqueza e renovação.

- ◆ Favorece a vida fraterna especialmente quando o número de jovens formandos é reduzido.

- ◆ Propicia uma formação mais personalizada e crítica pela diversidade de seus membros (idade, cultura, experiência, atividades, etc.).

2. Objetivos

Oportunizar ao formando a vivência gradual do seu ideal religioso.

Vivenciar a fraternidade evangélica, numa busca constante do essencial, segundo o carisma do fundador, no hoje.

Colocar-se continuamente com o formando, em atitude de escuta das interpelações do Espírito.

Questionar as realidades pessoais, comunitárias e ambientais, para o crescimento sempre maior de uma

fé encarnada, de uma vivência concreta do amor e de um testemunho escatológico no aqui, no agora.

3. Membros

Os membros da Comunidade Formadora, os professos perpétuos, os professos temporários, e os candidatos à Vida Religiosa, participam todos, a seu modo, na formação.

4. Características

A Comunidade Formadora deveria apresentar, entre outras, as seguintes características:

Estar em evidente processo de atualização e renovação. Ser consciente e disponível para a tarefa da formação. Haver na comunidade um responsável direto pelos jovens formandos, relacionado com a Equipe de Formação e com a Coordenação Provincial.

Favorecer os elementos necessários para o amadurecimento interior dos membros da comunidade. Estar em sintonia com a comunidade provincial e congregacional. Estar inserido na Igreja Local. Ter um número de membros que possibilite uma real vivência fraterna nas diferentes comunidades formadoras. Apresentar uma estrutura familiar do acolhimento. Oferecer aos jovens formandos a oportunidade de engajamento apostólico.

5. Meios

Escuta contínua da Palavra de Deus através da oração e do discernimento para descobrir juntos a vontade de Deus com relação à comunidade. Contínuo estado de alerta aos sinais dos tempos e lu-

gares, em que a comunidade se encontra para julgá-los à luz do Espírito.

Convivência fraterna entre formadores e formandos no diálogo aberto e na partilha de experiências pessoais e comunitárias. Valorização dos carismas individuais. Assumir com calma os riscos da comunidade. Profundo respeito ao ritmo de crescimento de cada um, e paciência com inevitáveis limitações, exercendo o perdão.

Promoção de encontros comunitários, entre si, — e com outras Comunidades locais em paróquias, centros juvenis e também com outros elementos do apostolado leigo. Promoção do encontro do lazer (passeios, esportes, shows...) A participação conjunta no projeto comunitário e revisão periódica do mesmo. Atendimento às necessidades de saúde, dos membros da comunidade.

OITAVO ENCONTRO DE FORMADORES (conclusões)

De 16 a 25 abril 74

A. Vocação como processo

O homem é um constante vir-a-ser. Sempre é chamado a se abrir aos apelos da vida. Na medida em que ele ausculta e se abre à proposta, no íntimo do seu ser, isto se torna resposta ao chamado que lhe é feito. É indispensável tomar consciência deste chamado, para uma opção vital. Deus toma a iniciativa, nos convoca a uma resposta dinâmica que dá vigor ao nosso viver, no ser e no agir.

B. Vida religiosa

Vida Religiosa é: Uma forma peculiar de vida cristã, que radicaliza em comunidade a experiência de Deus, na busca constante da própria identidade.

Isto se traduz:

Numa resposta de fé à proposta do mistério do amor gratuito do Pai, vivendo a radicalização do Evangelho, como Igreja.

Num serviço e numa missão profética, visando a libertação dos homens a partir da realidade concreta em que vivem.

Seguindo o carisma do fundador.

Testemunhando os valores do reino, encarnados em Cristo.

Na consagração total, expressa e vivida no compromisso publicamente assumido diante de Deus e dos homens, realizando assim na vida o mistério pascal.

C. Senso crítico

O que não é: Criticar não é condenar. Não é destruir.

O que é: Criticar é purificar. É a capacidade de perceber o essencial. É detectar a verdade no meio da ganga das coisas.

Necessidade do senso crítico: Complexidade da sociedade. Influência ideológica das informações. Estrangulamento do campo da liberdade. Exigência maior de uma auto-determinação.

A crítica supõe: Auto-crítica. Conhecimento da realidade. Quadro de referência: Evangelho. História. Adesão fundamental à causa que defendemos.

Exige. Despojamento, pobreza, maturidade, abertura, sinceridade, persistência, transparência, discernimento, sensibilidade aos sinais dos tempos.

Finalidade. A crítica tem como finalidade melhorar, transformar e construir a realidade. Entendida como um processo de libertação, o crítico quer ajudar a pessoa a ser

ela mesma, a voltar ao seu "ser originário", embora provoque uma situação de medo e de rejeição que não deixa de ser um desafio para o homem que a compreende necessária à sua vida.

D. Maturidade

Maturidade é um processo constante de crescimento no qual o indivíduo, com autenticidade, coerência e responsabilidade:

Abre-se para tudo e todos. Assume e vive a própria vida com seus aspectos positivos e negativos com uma profunda sabedoria de vida. Tenta chegar ao equilíbrio entre as condições biológicas, psicológicas, sociais, religiosas e políticas tendo em vista sua realização pessoal e uma missão.

E. Discernimento comunitário

O discernimento comunitário é um processo espiritual, num clima de oração, para a busca, em comum, da vontade de Deus sobre um ponto geral ou particular onde for necessário tomar decisão.

Atitudes pessoais. O discernimento comunitário não é para ver se o outro tem ou não razão, mas, para conhecer o "PROJETO DE DEUS".

Para tanto será necessário: sinceridade, abertura para Deus, submissão à sua vontade, indiferença, disponibilidade, fé no Espírito que trabalha em mim e no outro.

Em resumo, atitude de: a) Abertura. b) Fé. c) Oração pessoal d) Troca de experiência, diálogo.

Diferentes etapas do processo: Informação: colher os elementos necessários de informação. Refletir sobre os mesmos. Surgindo a problemática perguntar-nos: o que devemos fazer? Oração pessoal: sobre as razões prós e contras. Encontros comunitários: falar o que experimentou na oração; escrever as razões. Voltar a oração pessoal: (pró, contra) Não discutir. Deixar o espírito trabalhar. Novo encontro comunitário para ouvir o outro. Análise da experiência pessoal, num clima de oração comunitária e de comunicação. Deliberação: quando todos julgarem amadurecida a reflexão: **decidir**. Caso contrário, voltar à oração. Confirmação: na oração experimentar os sentimentos que tivemos na decisão e confirmar.

Observações: Se não entrou seguro de que o Espírito trabalha, tanto no outro como em mim, falha no juízo. Formular bem as questões. Conscientizar-se de que os momentos de tensão são normais quando levam a uma purificação. Indiferença é entendida no espírito inacioniano. Não pender mais para um lado ou para outro mas, sim, querer aquilo que seja a vontade de Deus.

F. Missão

Etimologia: "Envio" inclui um diálogo pessoal, comunicação.

Fundamentação teológica: Envio no seio da Trindade de modo infinito da comunhão de amor = pessoas divinas. (L. Gentium ns. 3 e 4). Cristo, o enviado do Pai: revelação e comunicação do Pai. (L. Gentium n.º 3). Cristo, por sua

vez, envia os apóstolos ao mundo "Eu também vos envio".

O que não é: Algo a fazer, sem o "ser". Ativismo, fazer desenfreado.

O que é: Modo de ser e agir a partir de uma experiência constante de Deus. Ação como decorrência do "ser", transbordamento daquilo que se é. Disponibilidade interior que me coloca numa comunhão profunda com Deus e numa abertura muito grande com os irmãos, participando dos seus anseios e aspirações.

Realização da vocação a qual somos chamados: vocação criatural, em toda a sua plenitude de sacerdote, rei e profeta. Num sentido mais específico o anúncio do Evangelho a todos os homens. "Assim como o Pai me enviou, Eu também vos envio" (Jo 20, 21).

Vida religiosa e missão. Ausculta permanente do Espírito na realização da vocação religiosa. Ser transparência do amor de Deus. Ser fraterno no meio do povo; sinal de unidade, anunciando o futuro. Serviço na linha da libertação integral do homem numa vivência evangélica. Missões específicas: modos diferentes de viver na Igreja a vocação religiosa como testemunho de uma faceta do Evangelho; diaconias na Igreja, segundo o Carisma de cada Instituto Religioso.

G. Sinal e testemunho

Sinal é alguma coisa que tem a sua natureza própria, mas visibiliza e indica uma outra realidade. Portanto precisa ser:

Inteligível: claro, simples, evidente, expressivo. **Relativo:** convencional, indicativo e não coercitivo, inserido na realidade. **Fiel:** aponte constantemente a meta, adaptando e aprimorando a sua maneira de indicar. **Testemunho:** incarnação na realidade, compromisso (assumo e respondo por aquilo que testemunho), ser compreensível.

O religioso sinal-testemunho. O religioso, como "sinal-testemunho" é alguém que, pela sua maneira de ser e de fazer, evoca, indica, anuncia para além de sua identidade pessoal, os valores evangélicos vividos por Cristo e que Ele, religioso, hoje encarna.

De que? a) Do amor gratuito de Deus para com os homens. b) Do Cristo vivo. c) Dos valores do Reino; da vida futura. d) Da UNIDADE. e) Da relatividade das coisas.

Como? a) Encarnando os valores que indica = TESTEMUNHO. b) Não chamando a atenção sobre si, mas para os valores encarnados em sua vida (revestido de Cristo). c) Contestando (sinal de contradição). d) Com desprendimento, transparência, criatividade ou originalidade de formas, autenticidade, fidelidade e espírito de serviço.

Onde? a) No ambiente em que vive. b) Num mundo em constante mudança. c) Numa Igreja em dinamismo de crescimento.

Para que? a) Para tornar visível a presença de Cristo no "aqui" e "agora". b) Para a libertação do homem e construção do Reino. c) Para ser um desafio aos homens, na busca constante do transcendente.

H. Fidelidade

Constatamos que existe em todos os setores da vida uma quebra de fidelidade entendida como não crescimento da pessoa na sua vocação pessoal.

Causas: Mudanças constantes trazendo transição e relativização de valores. Falta de senso crítico numa sociedade de consumo. Insegurança provocada pela falta de maturidade. Educação super diretiva levando a opções não muito conscientes e maduras. Influência de uma mentalidade reinante: "acabado o amor acaba o compromisso". Não acreditar profundamente no AMOR de Deus.

Entendemos por fidelidade: Uma atitude de resposta constante e sincera à vontade do Pai radicada no AMOR GRATUITO que ELE tem por nós. Um SIM constante e dinâmico à própria vida, que não dispensa a atitude de busca e de auscultamento. É uma atitude de fé respondida diante do compromisso, assumido consigo mesmo, com Deus e com os homens.

Fundamentação bíblica: "SEREIS O MEU POVO, E EU O VOSSO DEUS" (Jer 30,22). Nossa fidelidade se apóia naquele que é o FIEL.

PARA O RETIRO MENSAL

TEMPO COMUM

I. Tema para reflexão O Tempo Comum

Na nova terminologia litúrgica chamamos de **Tempo comum** o período do Ano Litúrgico que se estende da Epifania até a Quaresma e de Pentecostes até o Advento. Outrora era chamado **Tempo "per annum"**. A nomenclatura aqui pouco importa. O que desejamos explicitar neste encontro mensal é, antes, a espiritualidade deste tempo. Creio que o **Tempo comum** nos pode levar a refletir sobre vários pontos de nossa espiritualidade, como a rotina, o crescimento e o sentido do tempo como dom de Deus.

1. Tempo comum. O comum distingue-se do extraordinário, do festivo. No Ano Litúrgico como em nossa vida existem tempos fortes de festa e tempos ordinários, comuns. O perigo é que, passadas as festas do Ciclo de Natal ou da Páscoa, caiamos na rotina do dia-a-dia. Aliás, a rotina é o maior inimigo da nossa vida espiritual contra a qual sempre teremos que combater.

Cabe-nos cuidar que o Tempo comum não se torne tempo de rotina. Como fazê-lo? Creio que existem dois modos.

Primeiro, alimentar nossa vida naquela fonte rica dos tempos fortes que celebramos. Inspirar todo o nosso ser e agir nos momentos festivos fortes. Explico melhor. Natal significa nascimento, manifestação do Senhor na história dos homens e na história de cada cristão. Então, este Cristo que nasceu, este Cristo que se manifestou, deseja prolongar a ação de nascer e de manifestar-se após as solenidades. O mistério do nascer, do aparecer e do manifestar-se aos homens deve prolongar-se no dia-a-dia dos homens. Cristo quer encarnar-se cada dia através dos tempos.

Na Páscoa vivemos o mistério da redenção, da morte e ressurreição em Cristo, o mistério da novidade de vida em Cristo ressuscitado. Será necessário que a semente, lançada à terra na Páscoa, quando renovamos nossa consagração batismal, e fecundada pelo dom do Espírito de Pentecostes, germine, de-

sabroche, nasça, cresça e dê muito fruto. Toda a força de nossa vida espiritual encontra-se no mistério pascal que inclui a Páscoa e o Pentecostes. Estas duas facetas pascais, ou seja, a Páscoa da libertação e a Páscoa da aliança, deverão impulsionar o crescimento da vida espiritual, na caminhada ao encontro do Senhor que virá no Advento. Estamos sempre preparando-nos para esta vinda do Senhor.

Os Atos dos Apóstolos dizem que "a Igreja então gozava de paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Estabelecia-se ela, caminhando no temor do Senhor, e a assistência do Espírito Santo a fazia crescer em número" (Atos 9, 31). E Pedro passava, fazendo prodígios, maiores mesmo do que os do Senhor. É o mistério da Igreja em seu crescimento. Jesus subiu para junto do Pai, mas multiplicou sua presença no mundo através de seus discípulos, chamados a fazerem prodígios, a ressuscitarem mortos por seu testemunho de caridade.

A outra maneira de superar a rotina consiste em valorizar o **Tempo comum** como tempo comum. Encontrar o extraordinário no comum. Em nossa vida, como no Ano Litúrgico, nem sempre há grandes acontecimentos. O **Tempo comum** nos leva a tomar consciência desta realidade. Nossa vida não se compõe de grandes coisas, mas importa que aproveitemos as menores coisas para aí detectarmos as coisas grandes, as realidades permanentes e eternas. Iluminados e fortificados pelo Espírito, podemos viver na monotonia e na rotina do dia-a-dia, o mistério pascal de morte e vida.

Ou será que vamos atrás de grandes coisas, de promoções, de coisas extraordinárias? Seria muito perigoso pensar assim, pois as grandes coisas acontecem em nós, na medida em que, a exemplo de Maria, nos tornamos servos, pequenos.

Poderíamos lembrar aqui, quem sabe, as pequenas obras diárias como a fidelidade à oração em comum e em particular, a nossa Eucaristia diária, nossa vida comunitária, nossa leitura espiritual. Esta fidelidade do dia-a-dia nas pequenas coisas que nos propusemos serão coisas grandes, quando feitas com amor.

Talvez o **Tempo comum** nos proporcione mais tempo para reflexão sobre as coisas mais ordinárias de cada dia. Esta reflexão poderá levar-nos a descobrir e viver os acontecimentos antes de tudo em nós mesmos a monotonia da falta de acontecimentos externos a nós.

O **Tempo comum** nos faz compreender que nossa vida espiritual, nosso progresso na vida interior, é um processo gradual, sem saltos. Para que a planta desenvolva-se harmoniosamente precisa de sol e da chuva, precisa do cuidado permanente. Assim também a nossa vida espiritual.

2. **O tempo como dom de Deus.** O crescimento do qual falamos precisa de tempo. Os grandes e pequenos acontecimentos são percebidos no tempo e, por outro lado, são os acontecimentos que nos fazem viver o tempo.

Contamos os anos que vivemos, os jubileus que celebramos, recor-

damos os grandes acontecimentos. Vivemo-los intensamente. Facilmente deixamos passar despercebidos os grandes pequenos acontecimentos. O **Tempo comum** nos convida a entrar no mistério das grandes pequenas coisas. Desta forma evitaremos o tédio e a rotina. É fácil a gente deixar-se inebriar pelas grandes festas que costumam deixar uma gota de amargor. Difícil é deixar que as pequenas coisas e pequenos acontecimentos se tornem eloqüentes. O raiar do dia será cada dia novo se encontrarmos o seu significado; se for um encontro com o Sol da vida, Jesus Cristo.

O trabalho mais despretençioso e oculto será um evocar a maravilhosa capacidade do homem de dominar a terra, participando do poder criador do próprio Deus. O encontro com um confrade ou coirmã transformar-se-á num desvelar-se da bondade de Deus em diálogo conosco. Ele será para nós um sacramento do amor de Deus. A possibilidade de ficar comigo em minha cela, lendo um livro de espiritualidade ou refletindo sobre a vida, transformar-se-á numa festa para o meu ser. As árvores, as plantas, os animais, a natureza entoarão comigo as maravilhas da criação. O nascer da semente, o desabrochar da flor, o sorrir da criança falam do mistério da vida. A cidade me falará da maravilhosa capacidade do homem de construir a terra dos homens. O pobre e o necessitado despertarão em mim a exigência de serviço do Evangelho. Poderíamos falar ainda dos encontros, das refeições, dos momentos de lazer e assim por diante.

Quando estes pequenos acontecimentos começam a contar em nossa vida já não existirá mais a rotina. Nada será monótono. O tempo transformar-se-á numa dádiva que Deus nos dá para crescermos em nosso amadurecimento para a eternidade. Todos os momentos serão vividos com intensidade porque se transformaram em vivências pascais.

Assim o tempo deixará de ser o mais cruel dos tiranos que tudo destrói na sua passagem. Vivendo em Cristo, Alfa e Ômega, Senhor sobre o pecado e a morte, já ultrapassamos e vencemos o tempo. Vivemos continuamente momentos de eternidade em que o tempo já não conta. É nesta perspectiva que se encontram pessoas que, ao chegarem ao ocaso de sua vida, mais parecem sóis a despontar. São pessoas que vivem a eternidade, a eterna juventude em Cristo, carregadas de frutos de boas obras. Sua vida não tem ocaso, pois se transformou num eterno desabrochar para a vida, caminhando serena ao encontro do Cristo que vem.

Então não teremos dificuldade em celebrar diariamente a Eucaristia. Pelo contrário, ela será sempre nova, sempre a primeira, sempre a única, pois expressa de modo sacramental a festa de nossa comunhão de amor com Deus.

II. Questionário para reflexão em grupo

1. Quais as pequenas grandes coisas que poderemos valorizar no nosso dia-a-dia?

2. Como compreender a afirmação: "Tempo é graça"?

3. De que modo poderemos superar a rotina em nossa vida espiritual?

III. Celebração da Palavra de Deus

1. Acolhimento

D: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T: Amém.

D: Ouçamos a exortação de São Paulo que pode servir de tema para nossa celebração: "Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai".

T: Demos graças a Deus.

D: Canto: Senhor, com júbilo, (Cantos e Orações, n.º 88).

D: Oremos

Inspirai, ó Deus, as nossas ações e ajudai-nos a realizá-las, para que em vós comece e termine tudo aquilo que fizermos. Por Nosso Senhor, Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

2. Leituras

Primeira Leitura: Eclesiastes 3, 1-15.

D: Para ajudar-nos a refletir sobre o tempo como dom de Deus e render-lhe graças, ouçamos um trecho do Livro do Eclesiastes.

Leitor: Lê, Eclesiastes 3, 1-15.

(Breve meditação em silêncio)

Responso breve

D: Bendirei ao Senhor,
Sempre e em toda parte.

T: Bendirei ao Senhor,
Sempre e em toda parte.

D: Seu louvor esteja
sempre em minha boca.

T: Sempre e em toda parte.

D: Glória ao Pai, ao Filho
e ao Espírito Santo.

T: Bendirei ao Senhor,
Sempre e em toda parte.

Evangelho: Mt 25, 31-46.

D: Cristo pede que neste Tempo Comum vivamos o mandamento da caridade. Ele se expressa nas mínimas ações de cada dia em favor do nosso próximo.

Leitor: Faz a leitura de Mt 25, 31-46.

D: Procuremos agora no silêncio da meditação aplicar esta leitura à nossa vida de cada dia, ou espelhar nossa vida cotidiana neste evangelho. E descobriremos com a luz do Espírito Santo como poderemos evitar a monotonia e a rotina em nossa vida. O critério do julgamento final será a atitude para com nosso próximo. Descobrir Cristo nos irmãos, servir a Cristo no próximo, eis a maneira de vencermos a rotina.

(Silêncio)

Pode seguir uma partilha; uma troca de idéias sobre a leitura.

3. Resposta à Palavra

D: **Canto:** Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz (CO, n.º 756).

Oração dos fiéis:

D: Em todas as coisas e todos os momentos podemos dar graças a Deus; toda a nossa vida pode transformar-se num hino de louvor ao nosso Criador e Senhor. Sabemos, no entanto, que sem ele nada poderemos fazer. Por isso elevemos as nossas fervorosas preces ao Senhor.

(Intenções livres)

D: Sintetizando nossa oração, reze-
mos juntos a oração que o Se-
nhor Jesus nos ensinou:

T: Pai nosso . . .

Hino (recitado, alternando):

Senhor, abri os meus olhos
às maravilhas do vosso amor.
Eu sou o cego sobre o caminho.
Curai-me, eu vos quero ver.

Senhor, abri minhas mãos,
que para tudo guardar se fecham.
Tem fome o pobre ante minha
porta.
Ensinai-me a partilhar.

Senhor, fazei com que eu ande,
por mais duro que seja o caminho.
Quero vos seguir até a cruz.
Vinde, tomai minha mão.

Senhor, fazei com que eu ouça
os gritos de todos os irmãos.
A seu sofrimento e a seus apelos
que meu coração se abra.

Senhor, guardai minha fé,
tantas vezes clamam vossa morte;

a noite vem e o peso do dia.
Ó Senhor, ficai comigo!

Renovação do empenho

Caso não seguir a Celebração Eucarística, a Comunhão ou a Bênção com o Santíssimo, — caindo o dia de retiro no mês de junho — pode haver uma consagração ao Sagrado Coração de Jesus. (CO, p. 290 ou 292).

4. Conclusão do rito

D: **Canto:** Dou graças, Senhor (CO, n.º 159).

D: Oremos

Senhor Deus, Rei do céu e da terra, dirigi e santificai, ordenai e governai nossos corações e nossos corpos, nossos pensamentos, nossas palavras e nossas ações; fazei-nos viver de acordo com a vossa vontade e agir segundo os vossos mandamentos, a fim de que aqui na terra e para a eternidade, por vossa graça, produzamos os frutos da salvação e da liberdade, ó vós, Salvador do mundo, que viveis e reinais com o Pai na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

D: Que Deus esteja sempre conosco, que nos proteja com seu poderoso auxílio e nos guarde em paz.

T: Amém.

D: Bendigamos ao Senhor.

T: Graças a Deus.